

268

MUNDO GRÁFICO

54
DEPÓSITO LEGAL
- JAN 1943



Após
longos dias
de rude
trabalho
o pescador divisa
com emoção
a sua terra
natal



CEDROS CENTENARIOS

OS COMUNS REUNEM SEMPRE

por G. H. Christ

HÁ trezentos anos, pelo menos, que a Câmara dos Comuns reabre, em cada período, com um cortejo simples, mas solene. Precedido pelo arauto, com o bastão, e seguido pelo esmoler e pelo candatário, que leva o hábito da corte e uma espada de prata, o «Speaker» — o Presidente dos Comuns — atravessa lentamente a sala dos passos perdidos e senta-se no «fauteuil» presidencial. Os raids aéreos alemães obrigaram os Comuns a reunir-se em lugares provisórios, mas nunca foi suprimido o cortejo tradicional.

A esta cerimónia assistem presentemente os visitantes de todos os países do mundo, porque ela simboliza a firme vontade do povo britânico de conservar a sua secular herança de um governo parlamentar.

Quando, no histórico domingo de 3 de Setembro de 1939, os membros da Câmara dos Comuns se reuniram para ouvir de Chamberlain a declaração de guerra, as sirenes soaram lugubramente no seu primeiro alerta. Muitos julgaram que esta seria a sua última reunião em Westminster. Mas, já tinham sido tomadas as resoluções indispensáveis para que o Parlamento britânico reunisse em lugar seguro.

Um ano mais tarde, logo que a Luftwaffe desencadeou a sua ofensiva sobre Londres, todos os membros da Câmara resolveram não abandonar a capital. As sessões foram algumas vezes interrompidas, durante os alertas. Depois, verificou-se que os trabalhos não podiam estar sujeitos às demoras das interrupções e toda a Câmara concordou em que as sessões só seriam suspensas quando «uma bomba que caísse sobre o telhado da Câmara os advertisse de que havia aviões inimigos no céu de Londres».

A Câmara dos Comuns foi uma das primeiras instituições públicas a adoptar este sistema, cujo exemplo foi imediatamente seguido por todas as organizações comerciais e industriais do país.

O Parlamento britânico continuou, pois, a funcionar e nem um só momento se perdeu. As bombas inimigas danificaram o primitivo edifício. No novo local, porém, todas as características do outro foram fielmente reproduzidas. Até mesmo a faixa vermelha que sobre o tapete verde separava à distância do comprimento de uma espada o partidário do Governo e o membro do partido da Oposição, foi colocada. Há mais de um século que o uso da espada foi abolido na Inglaterra; sendo, agora, o Governo um gabinete de coligação não há portanto, separação entre o partido governamental e o da oposição. Mas que importa? A estreita faixa vermelha pertence à tradição do Parlamento britânico — possivelmente a mais insignificante das tradições parlamentares — mas nem essa Hitler conseguirá destruir.

Nos três dias que se seguiram à declaração de guerra, em Setembro de 1939, cinquenta leis foram aprovadas pelo Parlamento que investiram o Go-

(Continua na pág. 28)

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

CARREIRAS REGULARES ENTRE:

LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, Santa Cruz, S. Jorge-Calheta, Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa-Praia, S. Jorge-Velas, Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores, Lages e Santa Cruz.

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Avenida 24 de Julho, 2-2.º

NO PORTO — J. T. Pinto de Vasconcelos, Ltd.ª.

NA MADEIRA — Blandy Brother & Co. Ltd.

EM PONTA DELGADA — Bensaude & C.ª Ltd.ª

O GRANDE PLANO BEVERIDGE

FOI um grande escritor, conhecedor profundo da Gran Bretanha do nosso tempo, que escreveu um dia: «O principal problema inglês do nosso tempo consiste em realizar a transição entre o século XIX e o século XX, que não foi possível efectuar no fim da conflagração de 1914-18». Trata-se de um problema especificamente inglês, como parece querer acentuar um escritor suíço ou trata-se de um problema que diz respeito à Europa e ao mundo e afecta, igualmente, todos os países grandes e pequenos?

A Gran Bretanha está a dar-lhe, na guerra, uma solução que se destina a ter, por toda a parte, as mais salutares repercussões. O interesse que em todos os cantos do globo despertou a apresentação e a discussão do plano Beveridge constitui a prova insofismável de que, procedendo assim, os ingleses abrem o caminho a uma série de modificações pacíficas das nossas actuais concepções. Não seria a primeira vez que a história registaria um facto dessa natureza; que elle se verifique mais uma vez é certamente um motivo da maior importância para considerar e ter em conta.

Um crítico neutral afirmava, ha pouco, que o plano Beveridge é, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador. Isto significa, na opinião deste crítico, que embora não preconizando nenhuma transformação radical no regime e na legislação social em vigor, elle representa uma inovação audaz pela extensão dos benefícios que preconiza. Não se encontram resumidos neste conceito, profundamente verdadeiro, todo o caracter toda a psicologia do povo britânico?

O plano Beveridge, dentro do sistema dos seguros sociais, abrange, efectivamente, todos os cidadãos ingleses, homens, mulheres e crianças de qualquer idade contra todos os riscos que podem resultar da perda dos seus ordenados ou salarios pelo desemprego, pela doença, pela velhice ou por accidente.

Aquilo que um outro crítico chama uma «revolução silenciosa» representa, no fundo, uma compreensão das necessidades e das exigências do mundo, procurando-se dar satisfação a umas e a outras por métodos especificamente ingleses. Que esses métodos possam ser applicados em todos os pontos onde aquelas necessidades e exigências porventura se façam sentir seria, decerto, a maneira mais fácil e pratica de encaminhar o mundo para os destinos novos que muitos preveem mas poucos se encontram em condições de definir.

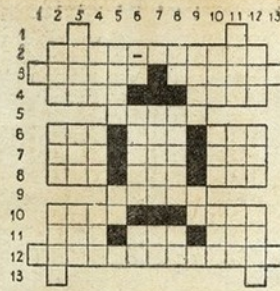
As iniciativas já tomadas em Inglaterra para resolver algumas das principais dificuldades que o plano Beveridge encara e ás quais procura dar uma solução total e definitiva constituem a indicação mais clara de que de ali partiria o sinal das inovações que são, ao mesmo tempo, ousadas e pacíficas. E, a lição, assim recebida, é a de que há no mundo um país que, fazendo duramente a guerra, não se esquece de que depois dela ha a paz com a multiplicidade dos seus aspectos que é indispensável ir encarando desde já.

Telefone 2 1724

SALÃO DOS PLISSADOS DE ALBINA MARQUES

PLISSADOS EM TODOS OS GÊNEROS
AJOURS, BORDADOS TINTURARIA,
BOTÕES ADORNOS, ETC. GRANDE
NOVIDADE EM BLUSAS E VESTIDINHOS
DE CRIANÇAS

Rua 1.º de Dezembro, 64
Calçada do Carmo, 10



PROBLEMA N.º 54

HORIZONTAIS

- 2 — SAUDAÇÃO PRÓPRIA DA ÉPOCA.
- 3 — Pequeno fortim; Serra no distrito de Vila Real, na raia de Portugal.
- 4 — Mediana; Gritos.
- 5 — Relativo ao nascimento.
- 6 — Sossêgo; Desde; Rio da Rússia que deságua no mar de Azov.
- 7 — Alúmen; PREPOSIÇÃO E ARTIGO (PL.); Eternidade.
- 8 — Ecoa; Raiva; Uma das cidades, entre Naxos e Santorim.
- 9 — Gás de cor amarela esverdeada.
- 10 — Pronome demonstrativo; Compartimento.
- 11 — Filtra; Líguei; Poeta trágico ateniense.
- 12 — PESSOAS QUE DÃO SOLUÇÃO.

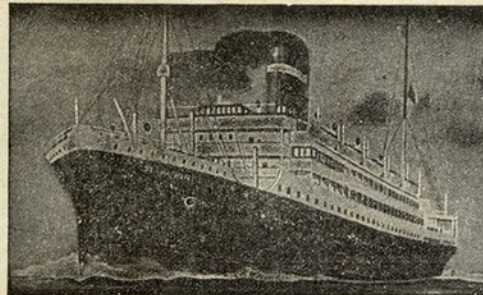
VERTICAIS

- 2 — Hábil; Coloquei; Imagem pintada, na Igreja grega.
- 3 — Tinja; Senhor; Astro.
- 4 — Prende; Uma das Cíclades; Letra grega.
- 5 — Cidade da Suíça; Símbolo do cobalto (Quim.).
- 6 — Vedeta; Interjeição que designa dor.
- 7 — Emissário enviado pelos Estados gregos para assistir as festas solenes ou consultar os oráculos — Laço.
- 8 — Preposição — Queimar — Prefixo de negação.
- 9 — Primeiro rei dos Hebreus — Artigo (pl.)
- 10 — Sinal gráfico — Ofereci — Gemidos.
- 11 — Estimado — Princípio — Departamento de França.
- 12 — Solitários — As nossas pessoas — Pequeno.



Solução do problema n.º 53

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPÃO PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

- «Serpão Pinto» 8.267 T.
- «Mouzinho» 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 8.200 »

VAPORES DE CARGA

- «Pungue» 6.290 T.
- «Malange» 5.050 »
- «Lobito» 4.200 »
- «Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342



...aqui
AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias.....	39,7 m. (7,565 mc/s)
7,15	WRCA	Terça-feira a Domingo...	31,02 m. (9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
8,30	WRCA	Terça-feira a Sábado.....	31,02 m. (9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias.....	19,8 m. (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	Segunda-feira a Sábado..	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias.....	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)



OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

REFLEXOS DO MUNDO

A família real



Os Reis de Inglaterra, camponeses, soldados da defeza costeira e da artilharia anti-

-aérea assistiram à representação de «Bela Adormecida» efectuada, numa aldeia, em recita de caridade pelas princesas Isabel e Margaret Rose.

A princesa Isabel desempenhava o papel de Príncipe e sua irmã o da Bela Adormecida. As outras personagens eram interpretadas por crianças da localidade.

As princesas dansaram e cantaram sendo todos os números acompanhados por coros de rapazes e raparigas.

A representação teve por fim angérianos doativos para o «fundo de lá».

Nos intervalos, o Rei e a Rainha conversaram, fraternalmente com os camponeses e os soldados — o mesmo povo, unido no mesmo esforço, partilhando as mesmas alegrias e canceiras.

No final, foram apresentados a Suas Magestades todos os que participaram na representação.

A luta na selva



agora condecorado com a Military Cross.

O capitão Bruce Donald Sutherland, do regimento Seaforth Highlander, que combate na Birmania, foi

Num serviço de patrulha quando a oposição era tão violenta que era difícil progredir no terreno, o capitão Sutherland ordenou aos seus homens que ficassem na selva. Ele, porém, continuou para a frente, penetrando sozinho no interior do território ocupado.

Depois de ter corrido grandes perigos e privações, regressou com informações preciosas. Na enxurrada de um rio perdeu as botas e rações que levava. Um redemoinho arrastou-o e quasi que ia perdendo a vida. Mas a providência e o seu heroísmo guiavam-no. No seu regresso, pôde fornecer ao comando elementos importantes que mais tarde permitiram bater o inimigo.

Um padre combatente



Uma das mais extraordinárias figuras da guerra deve ser o contra-almirante Georges D'Argenlieu, Alto

Comissário da França Combatente, no Pacífico.

A atenção do mundo esteve concentrada sobre ele por ocasião da sua visita a Washington, pouco depois do desembarque anglo-americano em Africa.

O almirante D'Argenlieu participou na outra guerra, entrando depois do armistício num convento de carmelitas, ordenando-se padre.

Em 1939, quando a Alemanha desencadeou a guerra, o padre D'Argenlieu foi mobilizado. Em vez do seu hábito

branco, a farda dos homens do mar.

Depois do colapso da França essa figura de guerreiro colocou-se à disposição do general De Gaulle. Tomou parte proeminente nas operações de Dakar tendo sido nomeado representante da França Combatente no Pacífico.

Heróis ingleses

No Palácio de Buckingham, o almirante Sir Roger Keyes recebeu das mãos de Sua Magestade o Rei Jorge VI a «Vitória Cross», conferida, a título postumo, a seu filho, tenente-coronel Geoffrey Keyes, que morreu em combate na Líbia, em Novembro de 1941.

O Herói de Zeebrugge e primeiro chefe dos «comandos», deve ter-se sentido orgulhoso da mais alta homenagem que Sua Magestade conferiu a seu filho. O seu coração talvez estremece, mas a sua firmeza estoica era a mesma que o levou a bater-se e a vencer numa das façanhas da outra guerra, de que o filho foi bem digno continuador.

63 milhões de americanos



A Comissão de Potencial Humano Americano acaba de anunciar em Was-

hington que, em 1943, os homens e mulheres que trabalham nos campos e nas fábricas, atingem 63 milhões.

O número dos homens em armas, não contando com os

NAVES DE GLÓRIA E DE VITÓRIA

É assim que a Royal Navy destroi implacavelmente os raros submarinos do inimigo que, a coberto da noite, tentam atravessar o Mediterrâneo

oficiais, elevar-se-á a nove milhões e setecentos mil homens, o que representa um aumento de quatro milhões sobre os efectivos actuais.

Manejando as armas, em terra ou no mar, trabalhando no campo ou na fábrica, de uma forma ou de outra, toda a nação americana se encontra unida para abater o inimigo. Para atingir o seu fim não emprega apenas o seu imenso poderio industrial: o esforço e o sangue de seus filhos não são regateados quando se trata da defesa da América.

A luta no mar



O caça-minas indiano «Bengal» embora a sua artilharia fosse inferior, afundou o corsário nipónico de 10.000 toneladas «Kikoku Maru». Um segundo corsário — o «Kumikawa Maru» — foi posto em fuga.

O «Bengal» tinha apenas uma peça que lançava granadas de 12 libras. Os adversários lançavam granadas com o dobro do diâmetro e seis vezes mais pesadas.

O combate durou uma hora. O pequeno caça-minas cobriu-se de glória, contra um inimigo muitas vezes superior.

No campo da honra



Caiu no campo da honra, o tenente-coronel G. H.

Stainforth. O seu nome tornou-se célebre em 1931, quando ganhou a taça Selmeider.

Foi morto nas recentes operações aéreas do Médio Oriente, Stainforth era condecorado com a A. F. C. (Air Force Cross).

Em tempo de paz preparou-se nas lutas desportivas e leais, contribuindo com a sua inteligência, energia e coragem para a defesa da pátria.

Caiu na guerra como um herói. Os homens assim não morrem. Vivem sempre nos seus exemplos maravilhosos de integridade e audácia.

Um presente



O Rei Faruk do Egipto ofereceu duas mil libras às tropas britânicas que se encontram no

Egipto e igual importância para as forças norte-americanas.

Esta oferta é um símbolo gentil, que não tem importância pelo seu valor, mas pelo que ela representa de gratidão pelos valerosos defensores do seu país e que, para tão longe repeliram o invasor.

ENCADERNAÇÕES
PARA O SEGUNDO ANO

DO

MUNDO GRAFICO

PEDIDOS A

Paulino Ferreira

R. Nova da Trindade, 18-A e 18-B

TELEFONE 2 2 0 7 4



ROBERT HUDSON ★

AOS 54 anos de idade, Robert Hudson, ministro da Agricultura da Gran Bretanha, tem sobre os seus ombros a tarefa pesada de não permitir que os seus compatriotas comecem as privações que debilitam alguns povos do continente europeu. Durante dois anos ele procurou responder à ameaça submarina com a eloquência dominadora dos factos. O povo britânico pode apreciar, ao longo desse período, a capacidade de realização do homem a quem confiou a missão de aumentar a produção em condições de esta poder satisfazer as suas crescentes necessidades.

Robert Hudson, que foi um dos mais distintos alunos de Oxford, entrou, aos vinte cinco anos, na carreira diplomática, como adido de embaixada, sendo pouco depois elevado à categoria de primeiro secretário. Depois da última conflagração foi eleito, pela primeira vez, deputado em 1924. As suas qualidades de trabalho e de inteligência permitiram-lhe criar, rapidamente, uma situação nas fileiras do partido conservador em que militava. Secretário parlamentar do ministro de Trabalho foi ele próprio encarregado de dirigir, pouco depois, o ministério das Pensões onde se conservou durante um ano. Daí transitou para o Ministério da Saúde. Em 1937, foi-lhe confiado uma das pastas de maior responsabilidade do Gabinete britânico: ministro de Comercio Externo. Não demorou muito que os seus serviços pudessem ser largamente utilizados ao serviço da nação inglesa tendo a sua passagem pela pasta da Agricultura sido assinalada, por amigos e adversários, como uma das iniciativas mais felizes do actual Primeiro Ministro.

CRÓNICA INTERNACIONAL

VITÓRIAS INGLÊSAS NO ORIENTE

O marechal Smuts não é apenas um chefe militar de comprovado mérito; é, simultaneamente, um político de larga visão. As suas profecias costumam, geralmente, ter a confirmação dos factos. O Mundo não deve esquecer-se de que foi a sua personalidade que as Nações Unidas escolheram para anunciar o início da ofensiva geral que, pouco tempo depois, havia de desencadear simultaneamente no Egipto, pelo ataque do 8.º Exército do general Montgomery, no Norte da África francesa, pelo desembarque anglo-americano, e na Rússia pela sucessão das contra-ofensivas actualmente em curso.

Estes acontecimentos, cuja importância histórica e cujas consequências decisivas só mais tarde poderão ser avaliadas no seu verdadeiro valor, não devem fazer-nos esquecer o que se passa no Extremo Oriente e nos mares que banham o continente asiático e a costa oriental do continente africano, pois todos os teatros de operações são interdependentes e não pode considerar-se isoladamente qualquer deles sem entrarmos em linha de conta com as repercussões que os factos ali ocorridos têm em todos os outros.

Quando os japoneses entraram na guerra, pelas portas escancaradas do Sião, foi o marechal Smuts que disse um dia: «A nação ou grupo de nações que conseguir alcançar o domínio do Oceano Indico terá a vitória». O comunicado recente do Almirantado que dá conta de um ataque violento de forças navais britânicas nas proximidades de Sumatra dá bem a medida de como se modificaram profundamente as condições em que a guerra ali começara.

O marasmo que se tem notado na acção militar japonesa, não é uma questão de fática, mas o reconhecimento fáctico de que as suas forças estão cercadas. Um quinto, se não um quarto da sua esquadra jaz no fundo dos mares. A aviação inglesa e americana vence os nipónicos, cujas perdas parecem entrar numa progressão crescente. Três grandes exércitos ameaçam agora aquêlê país ou, pelo menos, as suas conquistas — o da Índia, que conta um milhão de homens, como declarou o rei Jorge VI na sua mensagem; o de Chang-Kai-Chek, cuja actividade não decresceu e se converterá, bem municiado, numa onda avassaladora; e o do general Mac Artur já, com posições firmes, na Insulindia, cujos êxitos deixam prever façanhas memoráveis.

As providências onérgicas tomadas pelo almirante Somerville e o envio de novas unidades da esquadra britânica para aquelas paragens restabeleceram rapidamente a situação. Em meados do verão essas providências tinham produzido já tôdas as suas consequências. O bloqueio dos portos indianos malograra-se; a intervenção decidida dos ingleses em Madagascar evitou que os submarinos nipónicos continuassem a operar naquelas águas. Simultaneamente, com a notícia do ataque nas proximidades de Sumatra veio a notícia de que o general Wavell iniciara a campanha da Birmania, ponto de partida indispensável para a recuperação das posições anglo-americanas no continente asiático e no Pacífico. A cadência e a sincronização destas acções constituem a mais cabal demonstração de que a Gran-Bretanha e os seus aliados executam um gigantesco plano elaborado em comum.

○ OBSERVADOR

Portugal

As conferências realizadas em Lisboa entre o sr. dr. Oliveira Salazar e o conde de Jordana, ministro dos Assuntos Exteriores de Espanha, mereceram ao *Times*, o mais importante órgão da imprensa da nossa valorosa e secular aliada, um largo comentário, do qual extrairmos o seguinte período:

«O acôrdo será particularmente aplaudido em Londres e em Washington. A independência e a integridade da península ibérica são de há muito do maior interesse para a Gran-Bretanha. Esse interesse é hoje maior do que nunca. E tornou-se hoje o interesse de tôdas as Nações Unidas».

Estas palavras correspondem inteiramente ao interesse nacional.

Escritores supersticiosos

Algumas grandes figuras da literatura foram supersticiosas.

Há até quem considere a superstição um atributo genial...

Num livro do barão de Meneral, aquele autor afirma que os homens de talento foram e devem ser supersticiosos.

Sem desejo de contrariarmos aquela opinião, confessamos que não vemos necessidade dos homens de talento serem supersticiosos.

Existiram e existem ainda escritores que foram e são supersticiosos? Sem dúvida.

Mas talvez não erremos muito afirmando que há mais supersticiosos sem talento, do que indivíduos de talento com superstições.

Todos sabemos que o nosso Eça era supersticioso. Diz-se até que não se deitava sem colocar jantinas, paralelamente, em posição igual, as suas botas de polimento.

Todavia, dessas particularidades ou, se quiserem, inferioridades, ninguém teria conhecimento se o escritor que as praticava não fôsse infinitamente superior, na sua luminosa obra, a tôdas as manias que poderia ter, e também àquelas que lhe atribuíram.

Um herói

Um navio mercante norueguês foi atacado por um submarino. O torpedo alcançou-o, causando-lhe um grande rombo. A marinhagem pensando que o barco estava irremediavelmente, perdido meteu-se nos salva-vidas A bordo, porém, ficou um homem, o artilheiro que, quando o submarino se aproximou, fez fogo, destruindo-o. Momentos depois surgia outro que teve sorte idêntica bem como dois aviões alemães.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENA

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240**

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



CHURCHILL

1943

O ano de 1941 foi decisivo para a história da guerra. Ao lado da Gran-Bretanha, enfileiraram-se duas das maiores potências mundiais: a U. R. S. S. e os Estados Unidos. Os soviéticos empenharam-se numa luta de vida ou de morte em que foram postos à prova todos os seus recursos e os Estados Unidos, tal como acontecera à França e à Gran-

Bretanha, não se haviam preparado para a luta com a intensidade que seria lícito esperar dos seus imensos recursos, da competência dos seus técnicos, do valor dos seus chefes políticos e militares e das qualidades da sua população.

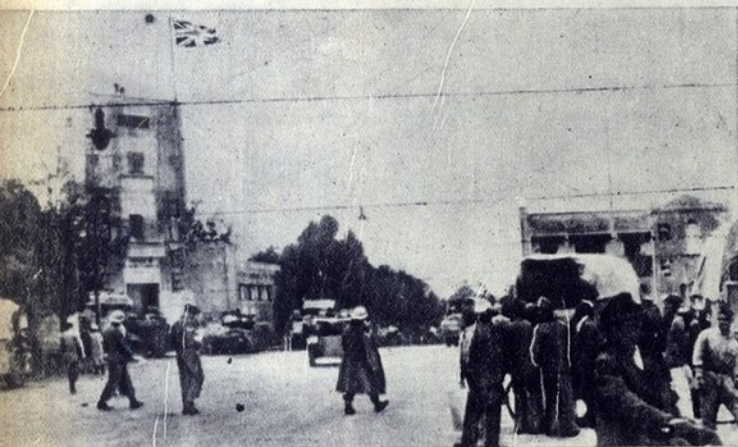
Só em fins de 1942 essa preparação, que constituiu uma das condições essenciais



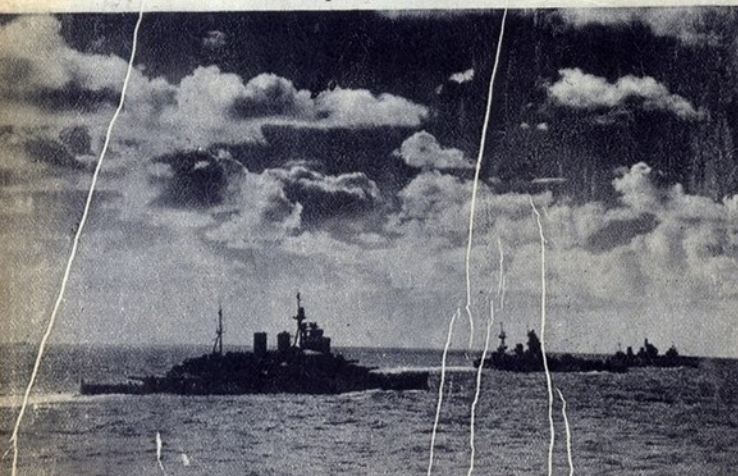
Campos de batalha



Estalingrado, a cidade que ainda não foi conquistada



Depois da conquista da Cirenaica, onde flutua a gloriosa bandeira inglesa, os exércitos britânicos avançam sobre Tripoli, para se reunirem às tropas do 1.º Exército



E um dia a história dirá: foram estes navios, nos quais tremula a Union Jack, que tornaram inviolável a Inglaterra, até ela vencer o inimigo



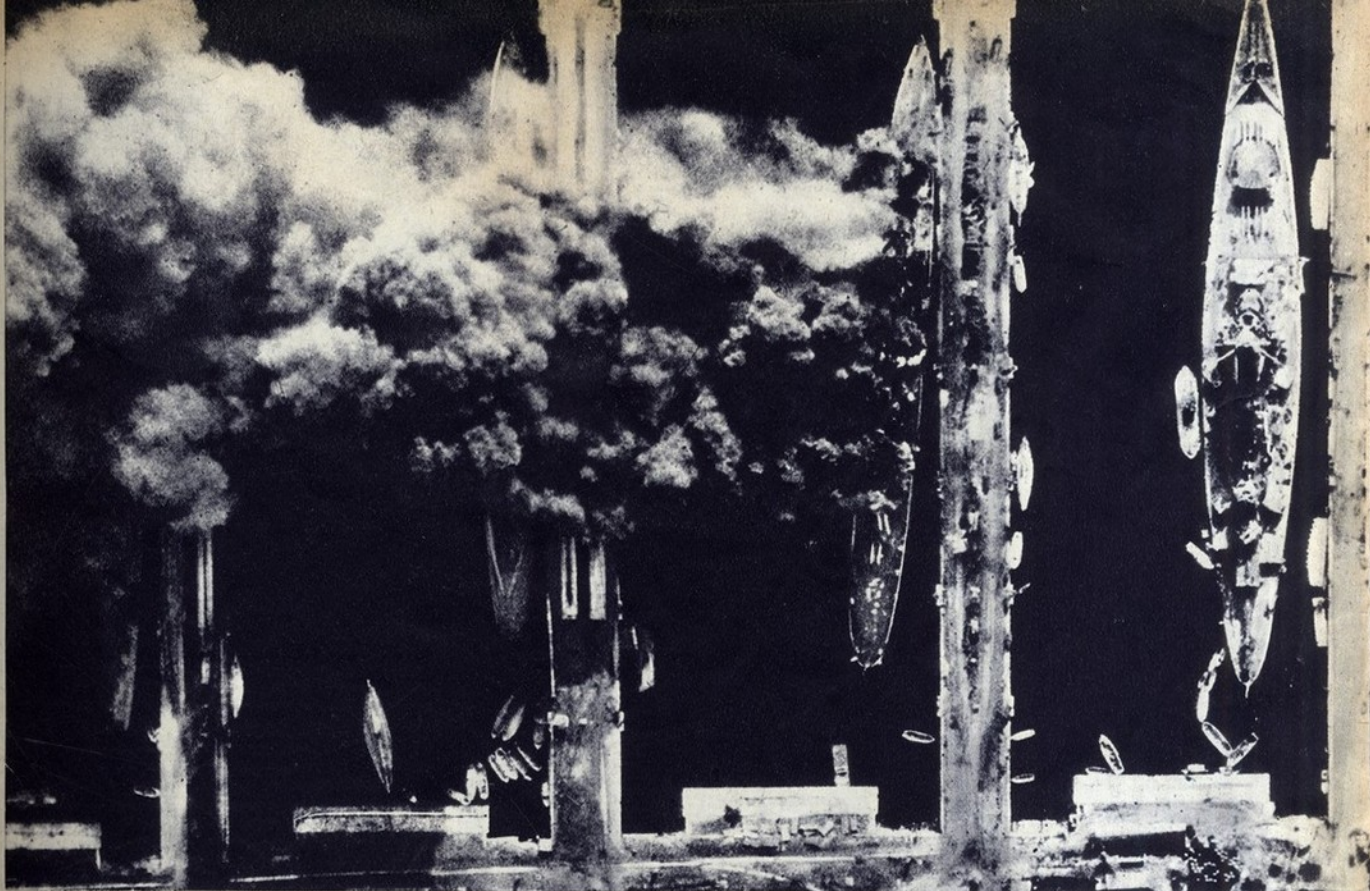
A bandeira tricolor da França é colocada a meia haste pelos marinheiros do general de Gaulle, em Londres, numa sentida homenagem às tripulações que em Toulon salvaram a honra da Armada daquele país

da vitória das Nações Unidas, está em pleno desenvolvimento.

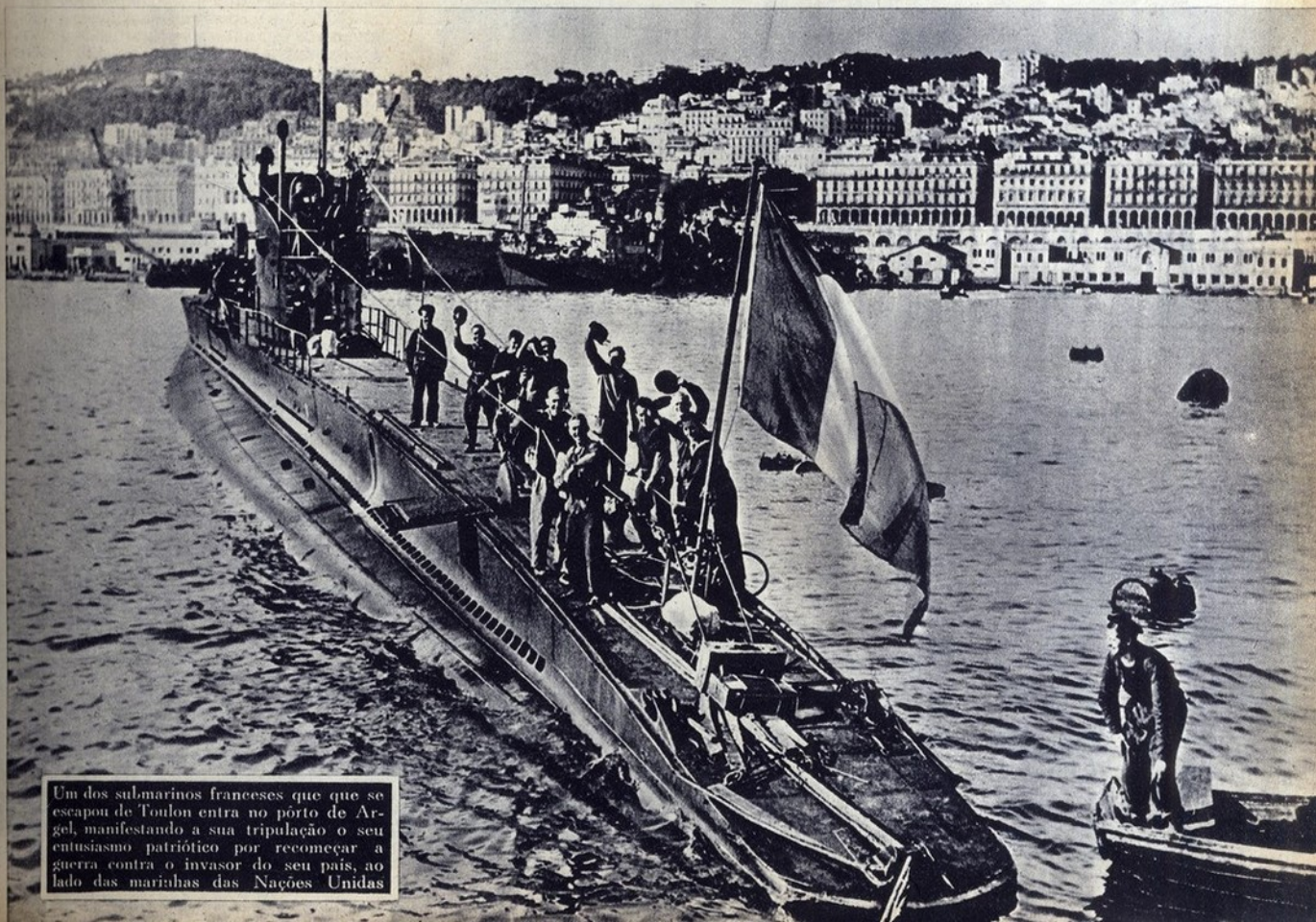
Entretanto, que profunda transformação no panorama militar! Os aliados passaram à ofensiva em todos os teatros de operações: na frente Leste, em Africa, no Pacífico. As suas grandes esquadras, dominam, sem contestação, todos o mares e oceanos, o Mediterrâneo e o Mar do Norte, o Atlântico e o Pacífico. A sua aviação está, por toda a parte, em manifesta superioridade quando comparada com a do adversário. A sua decisão é inabalável. O moral das suas populações encontra-se intacto. A sua economia é segura, sólidas as suas finanças.

Olhando para o espaço percorrido e registando a profunda transformação assim operada é legítimo reconhecer que os dirigentes das Nações Unidas têm posto no desempenho da sua tarefa uma ener-

(Continua na pág. 28)



Em Toulon, os marinheiros franceses, num gesto admirável de nobreza, para que a sua esquadra não caísse nas mãos do inimigo, afundaram as suas unidades. Nesta fotografia, vêem-se os cruzadores "La Galissonniere", "Algerie" e "Suffren" em chamas e meio submersos, antes de se afundarem. À direita, o "Strasbourg" que foi também inutilizado com irreparáveis avarias internas, ficando com a quilha assente no fundo da doca



Um dos submarinos franceses que se escapou de Toulon entra no porto de Argel, manifestando a sua tripulação o seu entusiasmo patriótico por recomeçar a guerra contra o invasor do seu país, ao lado das marinhas das Nações Unidas



Meia noite, no «Dancing» animado e ruidoso, ouve-se o corridinho do Algarve num rodopio frenético de notas alaeres que entontecem os pares

A música, como, aliás, tôdas as manifestações de espirito artistico, evoluiu. E' de supor que os nossos avós se impressionassem, até às lágrimas, quando ouviam ao piano as invocações dolorosas contidas nas valseas de Chopin; mas também é de admitir que a mocidade de hoje, embora admire êsse gênio eterno aceite outros ritmos musicais, na sua cadência das formas e das escolas.

Quer dizer: as pessoas «século passado» não se impressionam com o tumulto, a agitação, a viveza dos «jazz»; antes manifestam, uma antipatiazinha

Claro, que com os indivíduos, que rapidamente apreenderam o significado de várias modernidades, dá-se caso diverso; gostam, e estão por isso *à la page*, do que é dos seus dias e nem sequer pretendem lembrar-se de velharias...

Sem que o nosso modo de sentir tenha ou

Agora é um «slow» lento e languido, que podla ter nascido nas margens do Mississipi

ORQUESTRAS TÍPICAS



A meia luz, ouve-se depois o tango, um velho tango, de aveludados acordes onde há sempre uma mulher apunhalada de ciúmes

O cantor da orquestra típica, numa das suas mais famosas interpretações



O momento mais feliz do programa musical. Os virtuosos de acordeon dedilhando uma dolente melodia

pretenda ter qualquer influência sobre outrem, sempre dizemos que a desevolta graça de uma orquestra moderna acompanhada de vozes humanas, alegres, nos faz esquecer, por momentos, a feição tristonha que a vida tem. E estamos em dizer que não há pessoa sorumbática que resista à alegria de «Meninas vamos ao vira», ou ao trepidante «Tiro-líro», dos que se «juntam à esquina» que hoje corre mundo e que, constantemente, se ouve, no eter, cantado em português.

Então, se a orquestra mete intervenção simultânea de executantes e de ouvintes, o caso toma aspectos de causa pelo espirito... Deixem-nos, portanto, dar-lhes este conselho — que mesmo os raros que o não queiram aceitar nem por isso o consideraremos hipochondriacos mas maniacos em pura perda. Ouçam as músicas vivas, irregulares nos seus compassos salutareis porque desopilam e estão certas.



Os últimos compassos de uma linda canção portuguesa, que tanto pode ser um «Vira» como o «Tiro-líro»

E se tiverem um flozinho de voz agradável, acompanhem a orquestra quando ela desenhara os motivos populares do «Tiro-líro».

Somos daqueles que acreditam que a música, principalmente, a que reflecte o espirito despreocupado e ingénuo do nosso povo, é ainda a maneira mais simples de alegrar o trabalho. E as orquestras modernas com a feição despreocupada que imprimem às partituras que executam como que tornam a existência mais leve, mais ágil, mais vertiginosa acompanhando o ritmo trepidante das grandes cidades.

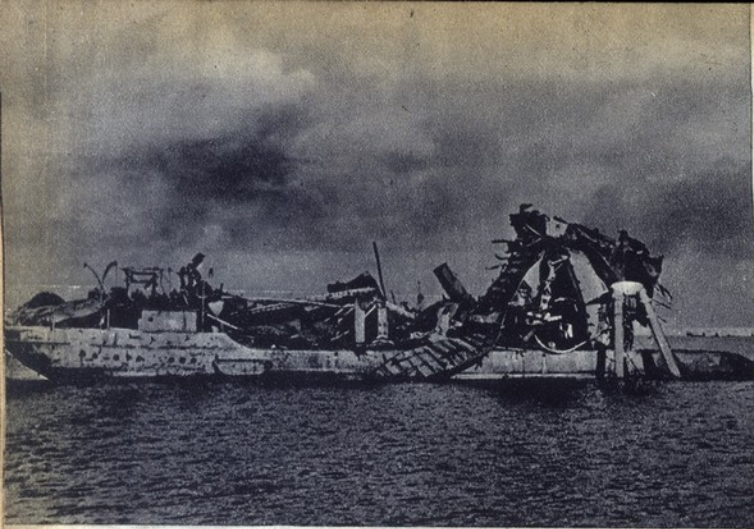
Sejamos alegres, que reconquistamos a mocidade, dirão os velhos. Não deixemos fugir a juventude, dirão os outros que ainda não sabem o que é ter os cabelos brancos. E para isso nada há melhor do que cantar, cantar sempre, semelando estrelas pelo céu, ou ouvindo-as pela rádio, ou no teatro, com a sua eferescência maliciosa, a sua intenção subtil, ou, então, com palavras de todos os dias, mas vivas, cintilantes como se fossem bandeiras.

De resto, agora não é possível resistir a essa onda, musicada, caprichosa, ondulante, seja na boca duma Carmen Miranda, num samba moreno e voluptuosamente carioca, seja na voz de Amália Rodrigues, cantando, cigana, o último fado do Ribatejo.

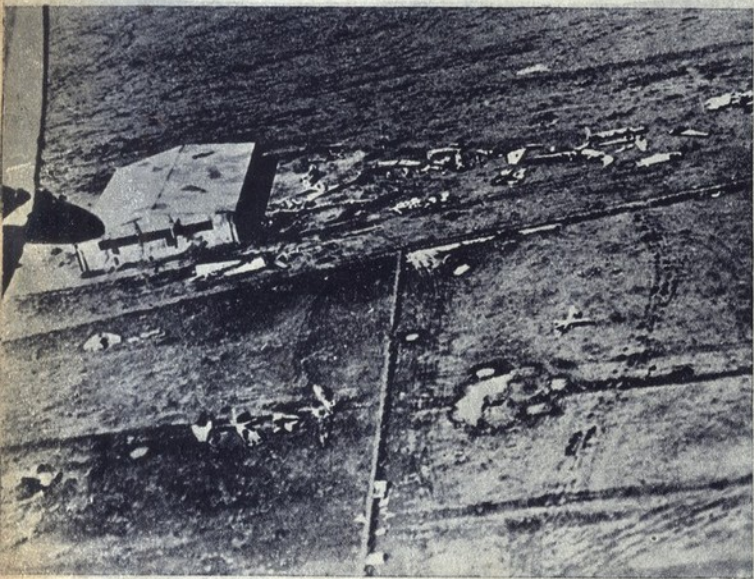
Seja como for nós ainda vamos pelo «Tiro-líro». Ora escutem! Lá está ele! Vem através do eter; assobia-o o garoto que atravessa a rua; canta-o a vizinha bonita, que tem cravelros na janela; e ainda por cima não nos sai dos ouvidos, como o trinar dum canário, alegre e contente, das suas asas de ouro, livrando-se no espaço, banhadas pelo sol da manhã.



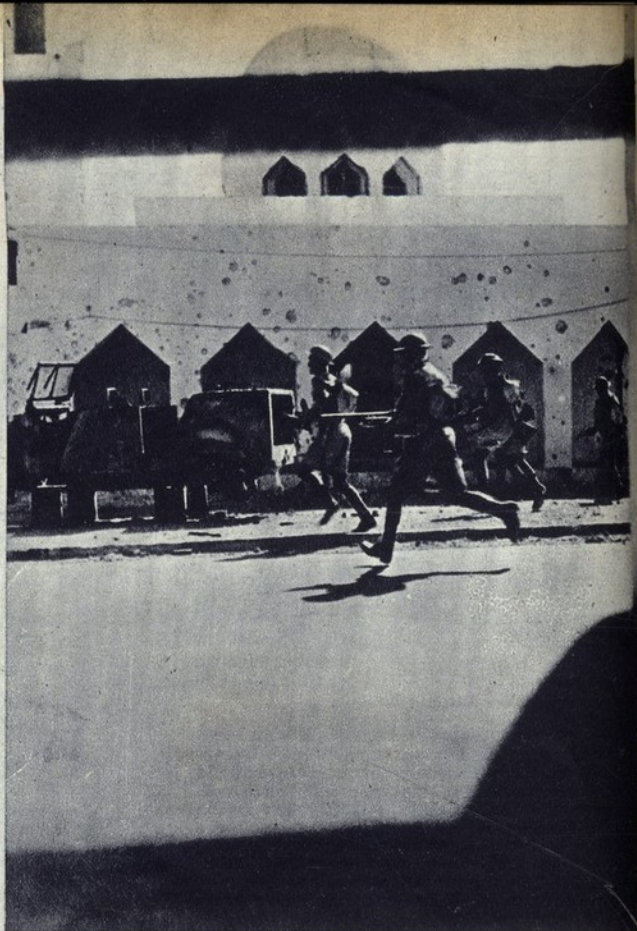
Os acordeons abrem-se impetuosos, para a última valsa romântica



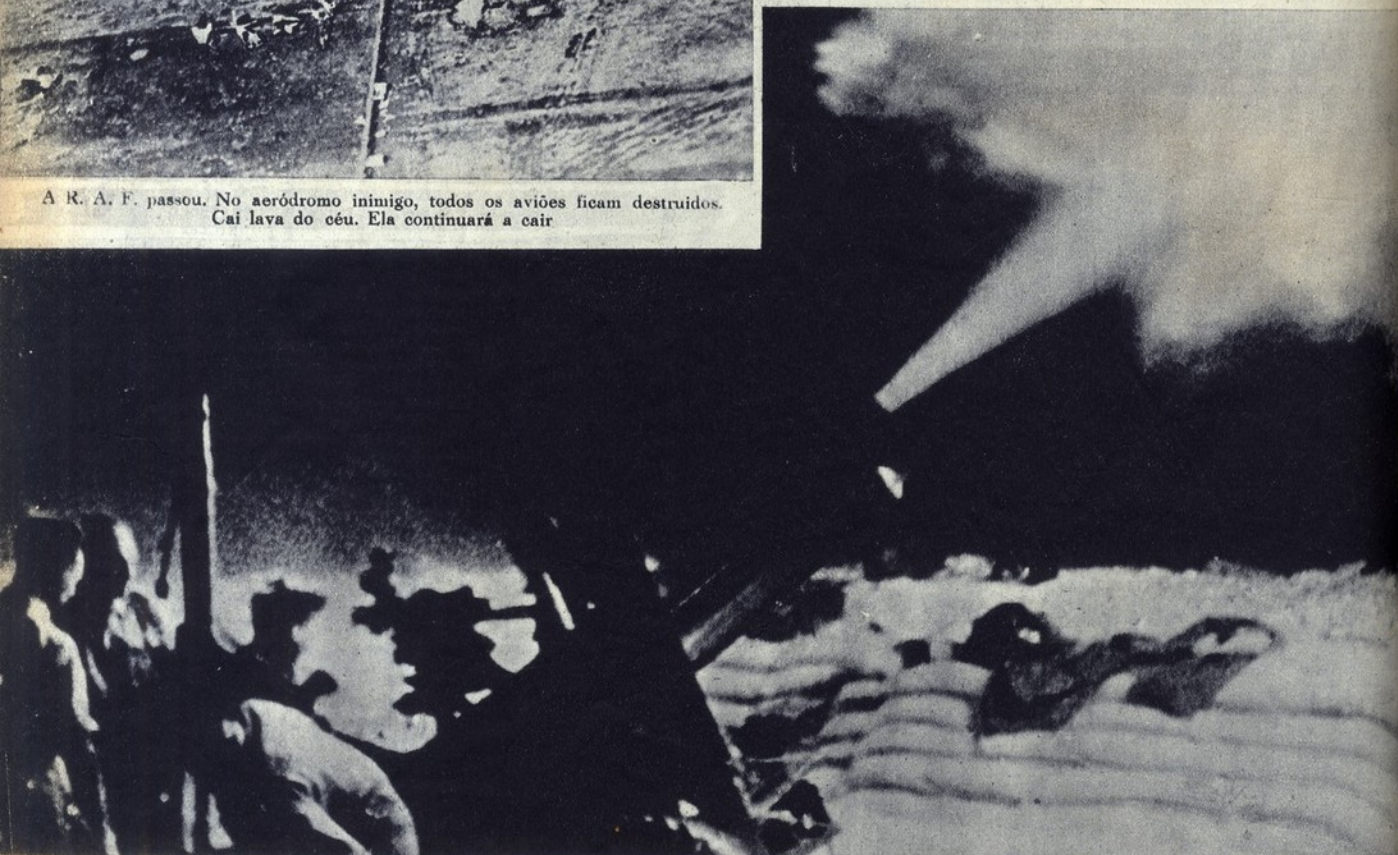
Todos os navios do "eixo" que entraram em Benghazi eram implacavelmente destruídos pelas forças da aviação inglesa. Quando Montgomery ocupou a cidade as águas estavam cheias destes montes de sucata



A R. A. F. passou. No aeródromo inimigo, todos os aviões ficam destruídos. Cai lava do céu. Ela continuará a cair



A entrada das tropas inglesas numa cidade da Líbia. Os soldados britânicos desalojam o inimigo das suas últimas posições



Os canhões ingleses rasgam a noite do deserto. O inimigo retira, retira sempre, mas estas granadas vão atingindo as suas últimas posições

O DOMINADOR DO DESERTO



MONTGOMERY
NO CAMPO DE BATALHA



Cem bombardeiros da R. A. F., num raid fulminante, destruíram à luz do dia as fábricas "Philips", na Holanda, onde os alemães se abasteciam de aparelhos de rádio. O êxito foi total. Nesta fotografia vê-se um vasto edifício envolto num verdadeiro mar de chamas

A R.A.F. ATACA SEMPRE



O princípio do incêndio nas fábricas "Philips", que abrangiam uma área de mais de sessenta milhas. Bombas explosivas e incendiárias reduziram os edifícios a uma massa de escombros



Outro aspecto do ataque. Os focos de incêndio multiplicam-se. A R. A. F. chega em vagas e despeja incessantemente a sua carga de bombas



Uma fotografia tirada por um dos aviões da R. A. F. a curta distância. O incêndio propaga-se com êstes aspectos fantásticos, que por vezes lembram volumosas massas de água

GRAVURAS EM MADEIRA

A arte da gravura em madeira tão delicada e tão difícil quasi desapareceu nos nossos tempos. Os modernos processos de reprodução de desenhos, estampas e fotografias, tendo alcançado uma perfeição definitiva, baniram do uso industrial os antigos e trabalhosos processos da xilografia. E daí a decadência desta arte que teve mestres tão notáveis.

A gravura de madeira foi a primeira a ser descoberta e só muito mais tarde apareceram os outros processos de gravar em metais ao qual sucedeu a moderna fotogravura, que não requere qualquer dote de arte. É um processo industrial tão prosaico como fazer pregos ou afinar máquinas. Industrialmente, porém, sobreleva em vantagem todos os outros e corresponde à necessidade da nossa época: rapidez, economia e fidelidade.

Não está bem averiguado onde nasceu a arte da xilografia. A mais antiga gravura que se conhece é um São Cristóvão, datada de 1423, mas crê-se que a xilografia teve a sua origem nos Países Baixos. As cartas de jogar e as imagens de santos foram as primeiras aplicações desta arte.

No nosso país, a gravura em madeira cultivada já no século XVI, só se desenvolveu e aprimorou no século XIX, em que atingiu tal perfeição que pouco havia que invejar aos artistas estrangeiros. Pena foi que, mortos os antigos xilógrafos, banida do uso vulgar da imprensa a gravura em madeira, ninguém mais se dedicasse à xilografia que, como todas as artes, tem um lugar próprio no campo do espirito.

Vem este exórdio a propósito de um novo cultor da gravura em madeira que surgiu agora no nosso meio artístico e que se revela um artista de mérito, digno de ser amparado e incitado. Trata-se de Manuel Cabanas, cujo gosto pela arte se revelou logo na meninice. Natural do Algarve (Cacela), ainda pequeno começou, com a ajuda de um cantivete, a modelar figurinhas em fragmentos de ardósia da sua linda região. Como ninguém reparou nele, a sua nativa propensão para a arte adormeceu-se

(Continua na pág. 30)



A reprodução de um dos painéis dos trípticos de Nuno Gonçalves, numa gravura em madeira de Manuel Cabanas

O ANO DA VITÓRIA



Simbolicamente, os ingleses chamaram a este avião de bombardeamento a picar "Vengeance". Foi construído na América, sob planos britânicos, e é superior aos "Stukas". É um verdadeiro meteoro e a precisão dos seus bombardeamentos ultrapassa tudo quanto até agora tem sido alcançado



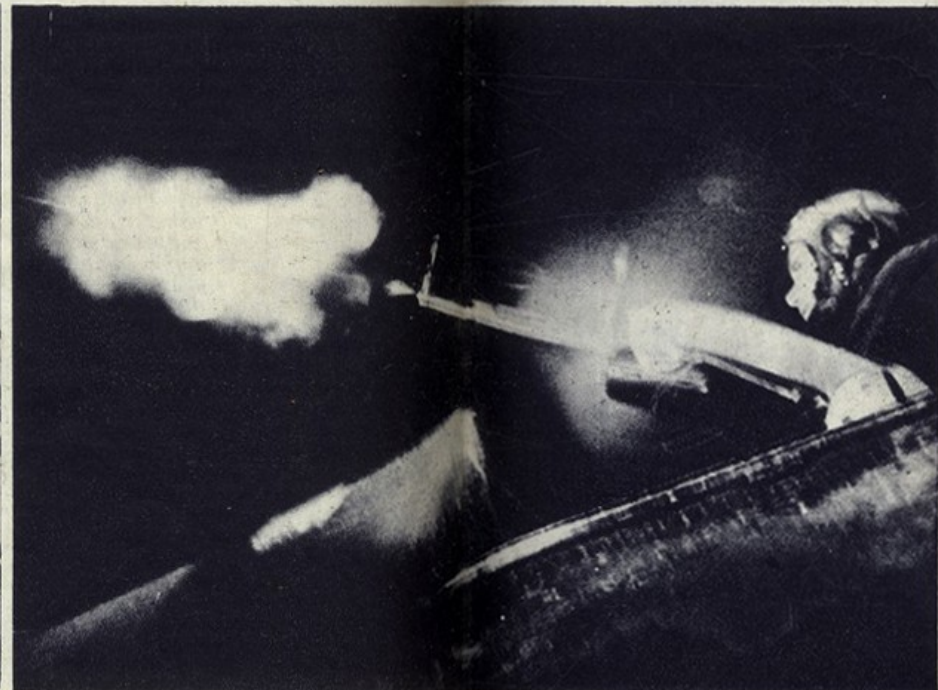
São estes os homens que vão a caminho da Tunísia e que já andaram sobre de mil quilômetros em perseguição das tropas de Rommel em retirada. Na ponta das suas baionetas fulgura a vitória, nos lances mais decisivos desta guerra



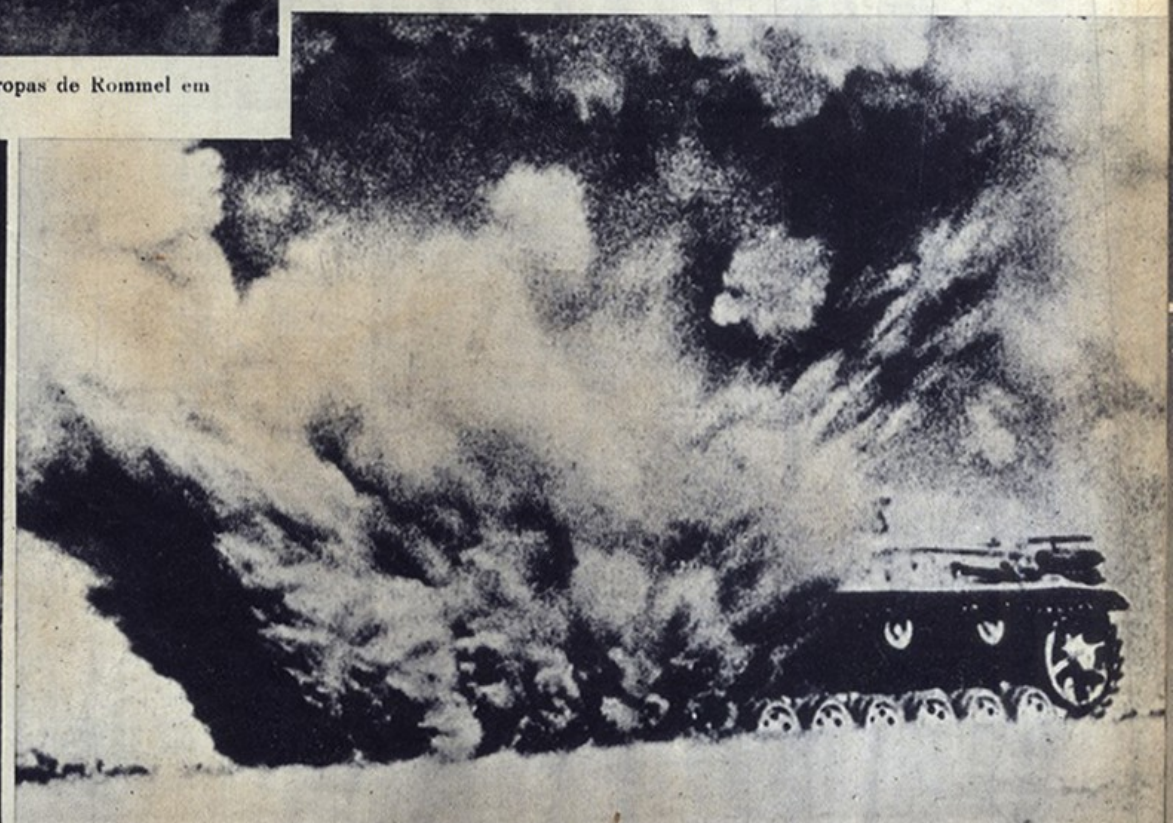
Um aspecto impressionante dos campos de batalha



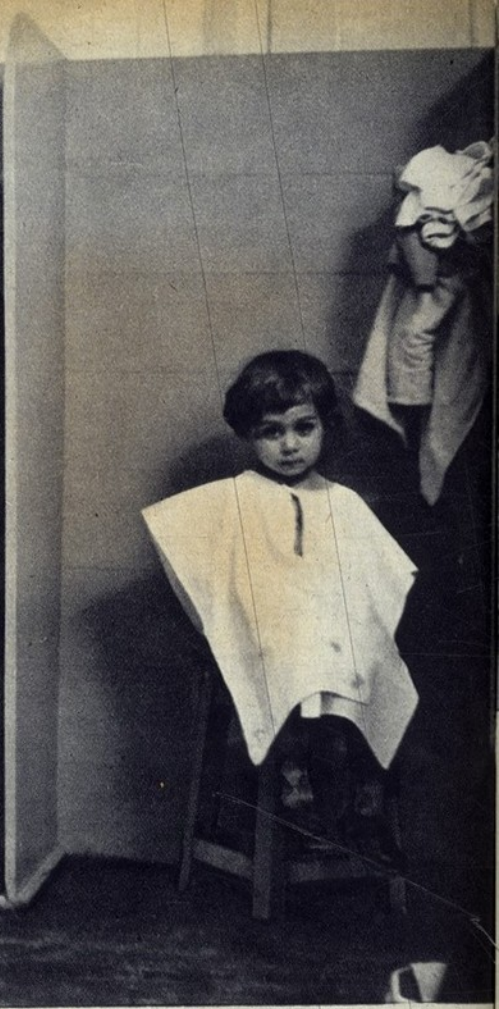
Os heróis do 8.º Exército que venceram as tropas do "Eixo", conquistando a Cirenaica e a Tripolitânia em marchas fulgurantes



Caça nocturno. Um jacto de fogo atravessa o espaço e vai incendiar o avião inimigo. A R. A. F. está sempre a postos



Em cheio, no alvo. Uma granada da artilharia britânica acerta num pesado tank germânico provocando uma tremenda explosão



Nos boxes. As crianças despem-se, prontamente, para o clínico as observar

SOL DA VIDA



A monitora e o médico de serviço inscrevem nas fichas o resultado do exame

O Centro de Saúde de Lisboa, fundado há quatro anos, está modelarmente instalado numa casa solarenga da freguesia da Pena. Devido ao esforço dum ilustre médico, o prof. Maia de Loureiro, cientista ilustre que percorreu a América em visita de estudo e convite dos centros de saúde daquele continente, e de lá voltou familiarizado com as últimas descobertas da medicina social, o Centro de Saúde de Lisboa, beneficiando dum elevado subsídio da Fundação Rockefeller, foi inaugurado em 1939. O Estado, tomando a seu cargo a sua manutenção, veio dar um impulso eficaz ao seu desenvolvimento. O edifício da Rua da Alameda é hoje bem pequeno para o incremento que rapidamente tomou, sobretudo pelo número elevado de crianças que ali são assistidas pelos médicos, em consultas diárias.

O Centro de Saúde de Lisboa não é, propriamente, um instituto clínico, antes vasto laboratório de experiências e investigações, que amplia a sua acção até ao lar, vigiando e protegendo as famílias. É, porém, a higiene infantil o fulcro da sua actividade. Os objectivos dessa higiene, os cuidados que as mães devem ter com as crianças recém-nascidas, são cientificamente analisados no Centro de Saúde. A profilaxia das doenças evitáveis, a alimentação, as horas de repouso, a vigilância sobre o sono, a correcção de anomalias ou defeitos, tudo enfim, que possa in-



O aparelho de radioscopia



Depois de observadas, as crianças voltam aos boxes para se vestirem

fluir no desenvolvimento normal das crianças, o médico explica e aconselha cuidadosamente.

Faz parte do pessoal técnico do Centro, um corpo de visitadoras sanitárias que, dia a dia, em permanente contacto com a criança, vai conhecendo o ambiente onde ela se desenvolve. A puericultura, a higiene post-partum e durante a gravidez, são assuntos de pequenas palestras feitas nas salas do Centro, para as mães.

Os laboratórios do Centro, onde tantos trabalhos de investigação científica se tem feito, com êxito, preparam as vacinas e sêros. E' outro grande serviço que se lhe deve. A sua obra, dia a dia, se engrandece, pelo reconhecimento das mães que, confiadas, deixaram os filhos sob a protecção da ciência.



Esta criança vai ser vacinada contra a variola



O desenvolvimento normal dos bebês é uma das grandes preocupações dos médicos



Um lindo bebê que é a mais elegante expressão da obra social do Centro de Saúde de Lisboa



A sr.^a D. Marie do Carmo Belmonte



A sr.^a Embaixatriz de Inglaterra

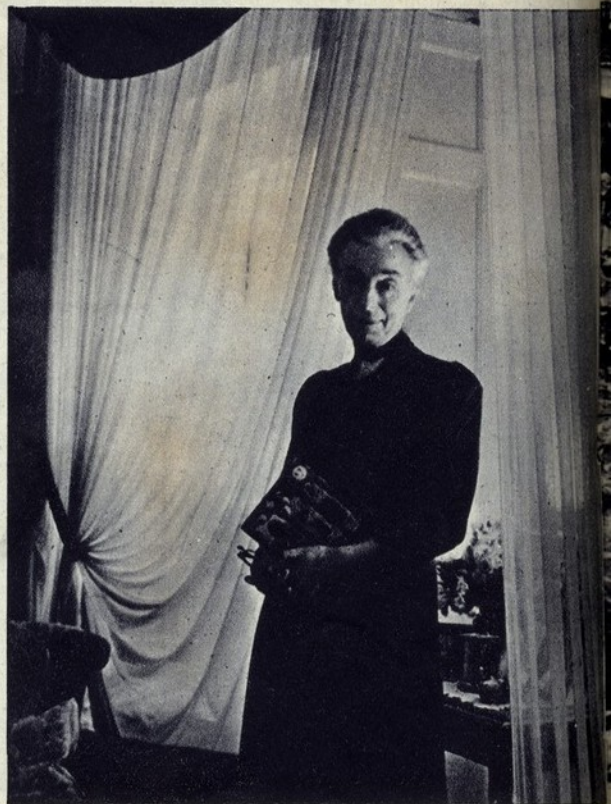
UM GRANDE RETRATISTA INGLÊS

CECIL BEATON é o Sargento da fotografia inglesa. Já conhecíamos o seu grande nome de artista, mas ante a intimidade viva da sua obra, a nossa sensibilidade como que encontrou novas razões de beleza para a exaltar e admirar.

Cecil Beaton é, na verdade, uma das mais altas expressões da difícil arte do retrato. Com o claro escuro ele consegue ser um dos maiores pintores do nosso tempo de elegância feminina, tocando-a daquela graça, expressão e encanto, em que para além do físico real, a alma se descobre no seu bater de asas, palpante de espiritualidade. Esta exposição, que foi um notável acontecimento artístico, pode colocar-se ao lado das suas interpretações magistrais de Katarine Hepburn, Marlène

Dietrich, grandes sinfonias em branco, um autêntico mestre do pastel, e dessas extraordinárias revelações de carácter, que ele focou, em primeiro plano, dando-nos uma Colette e um Chirico, de espantoso carácter.

Na sua galeria do S. P. N., Cecil Beaton faz falar os modelos numa verdadeira análise psicológica. A arte de procurar os ambientes propícios à colocação da figura e a expressão que traduzem são maravilhas, em que se descobre uma nova linguagem técnica, e, sobretudo, uma nova estética do retrato. Entre outras, destacamos o do Chefe do Estado, encostado a um tremô, o da embaixatriz de Inglaterra, o do engenheiro Duarte Pacheco, e os dois de Veva de Lima.



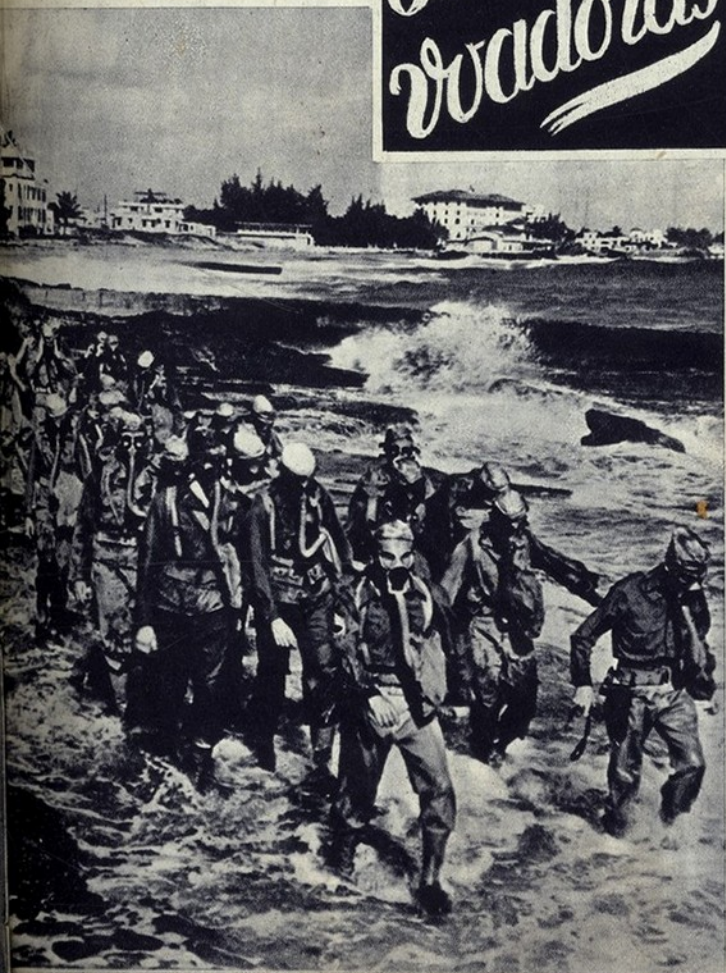
A sr.^a Condessa de Rilvas



Os japoneses têm sido derrotados nas ilhas de Salomão e na Nova Guiné. O general Holcomb, comandante-chefe da marinha dos Estados Unidos, num "jeep", atravessa a selva em visita de inspeção a uma daquelas ilhas

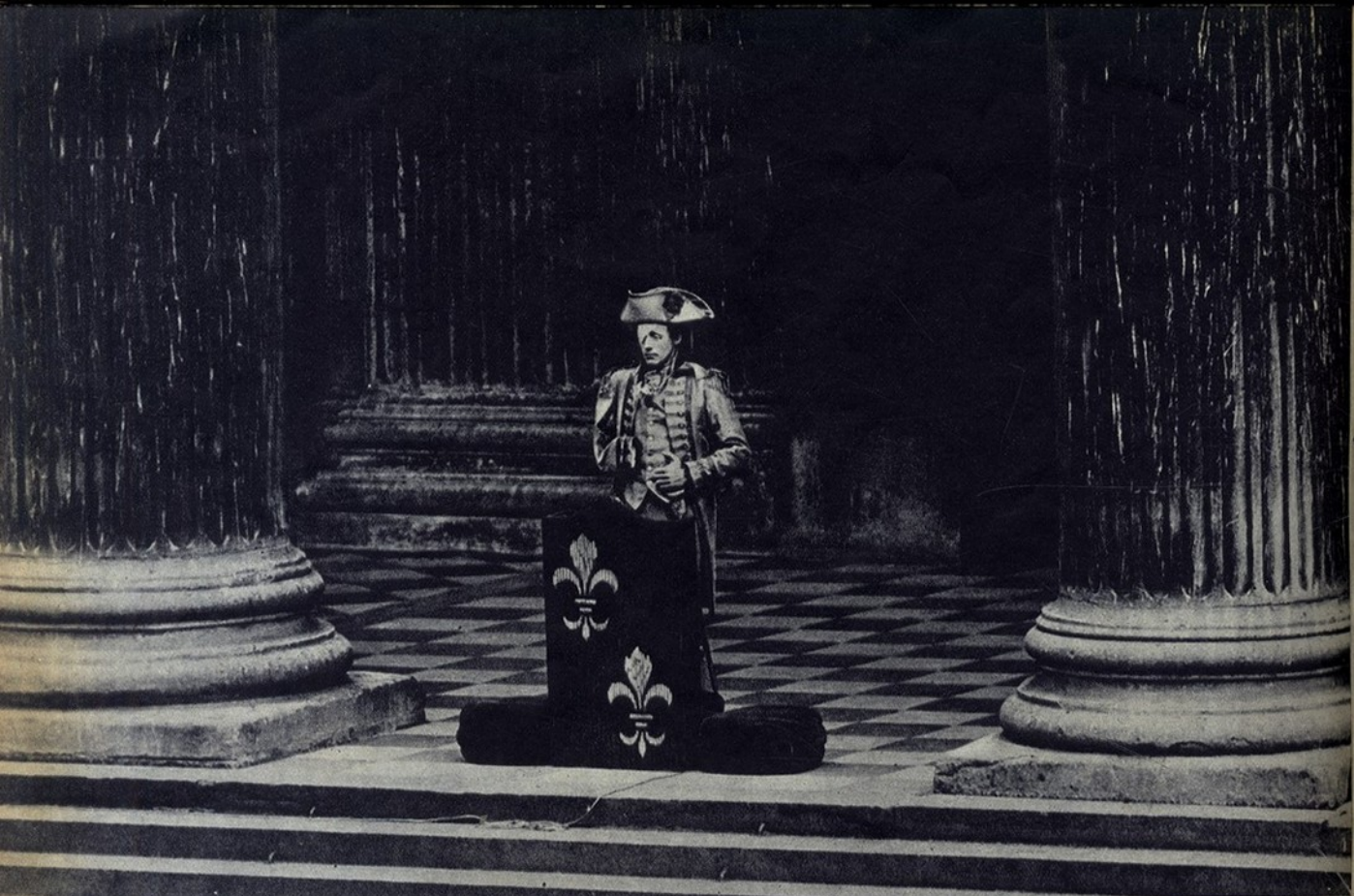
A aviação americana, com as suas poderosas unidades e os seus pilotos de elite, tem infligido à Luftwaffe terríveis perdas. Um bombardeiro "Boston", que foi escoltado por caças ingleses, ataca com admirável precisão um dos molhes do Havre, onde estão amarrados alguns barcos de patrulha alemães

Fortalezas voadoras



A esta hora encontra-se já na Europa e em África um milhão de soldados americanos. Essas tropas estão superiormente treinadas para todas as modalidades da guerra moderna, como se vê nesta gravura

Um dos mais poderosos bombardeiros do mundo. A fortaleza voadora, o terror dos caças alemães, despejando um rosário de bombas

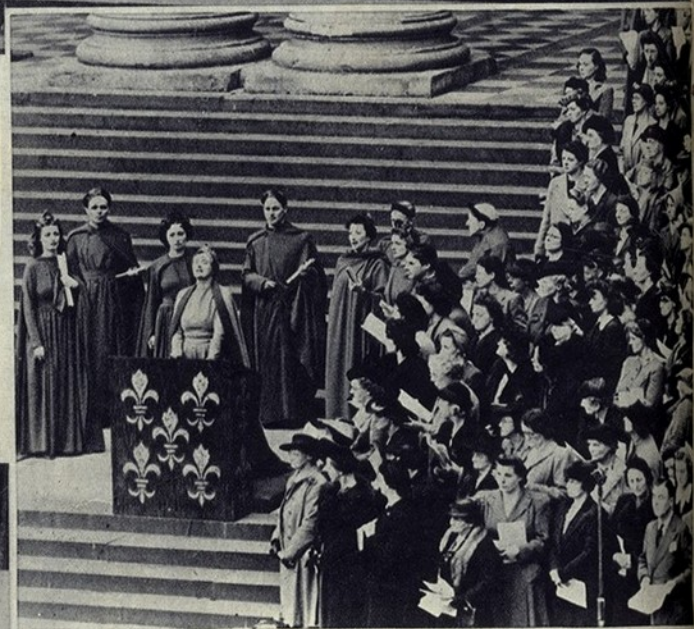


Sob as colunas magéostas do templo, o grande Nelson ressuscita numa interpretação magistral de Leslie Howard, um artista que Portugal conhece

TEATRO AO AR LIVRE

O teatro ao ar livre, que teve a sua primeira expressão, sob o céu claro da Grécia, estatutária plástica da mais bela, em que o homem era, apenas, um figurante, afivelando a máscara dos deuses e dos gé-

nos, voltou agora à actualidade, não em tentativas efémeras, mas como um postulado de estética dramática de grande vulto representativo. Em Portugal, entre outros dois nomes, a distância talvez de



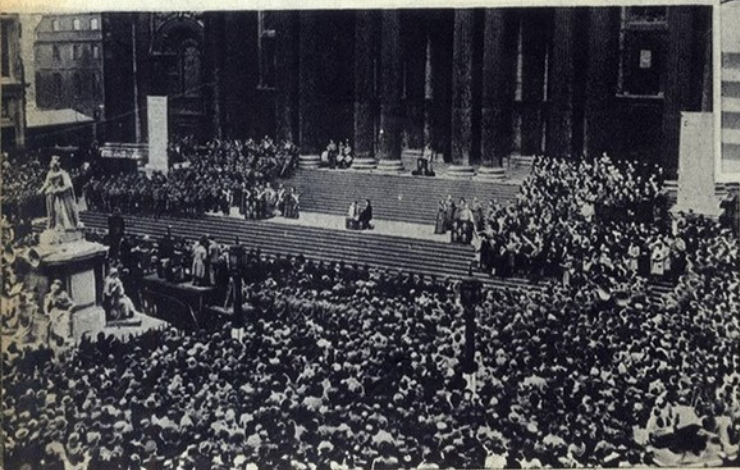
O coro grego, embora estelizado nas suas figuras, surge como um admirável elemento dramático, neste cenário histórico

dezenas de anos, foram os pioneiros dessa integração do teatro na natureza, um, foi Araújo Pereira; outro, Amélia Rey Colaço. Do primeiro, em evocações perdidas já no tempo, e também na saúde, destacamos algumas peças, de graciosa contextura, em que o bailado, o coro, o romance pastoril, encontravam a sua moldura natural num friso verdejante de grandes árvores, cuja beleza viva e eterna da sua renovação, nenhum cenário, por melhor que seja

a mão do mestre, supera ou sequer iguala.

Amélia Rey Colaço têm-nos dado grandes evocações, nos pórticos da velha Sé lisboeta, e no adro do mosteiro de Alcobaca, em representações de nobre magestade histórica, os grandes pergaminhos da literatura pátria, e ainda uma admirável interpretação do *Sonho Duma Noite de Verão*, de Shakespeare, nos jardins do palácio das Laranjeiras. Esses espectáculos foram ines-

(Continua na pág. 29)



A multidão, na escadaria da catedral de S. Paulo, assiste à representação.

A NOVA CHINA



A senhora Chang-Kai-Chek, a principal colaboradora de seu marido, a quem a China deve a sua unificação e independência, tratando um soldado ferido nos campos de batalha



A esposa do marechal Chang-Kai-Chek ocupa-se dedicadamente da educação aos jovens chineses



A mulher chinesa tem um papel preponderante na invencível resistência que o seu país tem oferecido ao invasor japonês



Uma jovem chinesa explicando às suas camaradas os princípios da defesa anti-aérea para a população civil e como todos se devem bater pela independência da sua pátria milenária

FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da República com os srs. embaixador de Inglaterra e António Ferro na exposição do artista inglês Cecil Beaton, no Secretariado da Propaganda Nacional



O sr. Presidente do Conselho conversando com o general Conde de Jordana, ministro das Relações Exteriores de Espanha



O sr. prof. dr. Rui Ulrich discursando na sessão comemorativa do centenário de Pinheiro Chagas, na Academia das Ciências



O desembarque do sr. Ministro das Relações Exteriores de Espanha em Lisboa, acompanhado do sr. dr. Oliveira Salazar



O
PAI NATAL
DESPEDE-SE
DE
1942

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

PORMENORES DE ELEGANCIA

No último Harper's Bazaar que folheámos, não havia sendo a linha de guerra: o casaco, o tailleur, o vestido ligeiro. Mas sempre revestidos de elegância e mostrando aqui um pormenor e ali uma inovação que dão a esta «Linha Utility» o seu peculiar e sólido encanto.

Assim:

— O sala-e-casaco cinzento usa-se com blusa côr de ciclame. Tem apenas duas algibeiras: uma no peito, outra na ata — mas ambas do lado direito.

— Um tailleur preto com riscas brancas coloca-se horizontalmente no casaco e verticalmente na sala. Se a pessoa for nutrida, inverterá a ordem dos factores

— No vestido ligeiro, uma inovação consiste em sublinhar as costuras laterais da sala com fazenda de tom vizeu ou, então, com uma barra que se repete da gola ao punho, bem assente por sobre os ombros.

— Muito preto nos vestidos da tarde, mas sempre o pormenor colorido a alegrar e, sobretudo, a jóia verdadeira ou mesmo a imitação nas lindas flores de esmalte colorido, com o centro em pedras.

— Nos sapatos, reaparecem os laços que sempre dão feminilidade ao andar.

— O chapéu de tecido igual à blusa continua a ver-se. Em escocês, fica bem com um tailleur clássico e sóbrio de tom.

— Há meias de todas as côres: vermelho, azul, amarelo... E os sapatos são precisamente no mesmo tom.



O lar moderno e confortável tem destes recantos de requintada originalidade

PERNAS BONITAS

O português é assim — que se há-de fazer? Mal viu a cara, olha logo para as pernas.

Ora quer saber que cuidados deve ter com elas? Então leia:

- Nem um pêlo.
- Tôdas as noites fricção com creme.
- Meia bem centrada com a costura ao meio.
- Se o tornozêlo é grosso, fazer ginástica em pontas de pés; seguir uma dieta que queime as gorduras. Não usar sapatos com pulseira; preferir tacões não demasiadamente altos, evitar meias muito claras e brilhantes, escolher sapatos pontegudos, sem buraco na frente, e ter o máximo cuidado ao sentar, pois qualquer posição menos graciosa, acentuará a grossura do tornozêlo.
- Se as pernas são demasiado finas, pode seguir-se um regime tendente ao aumento de peso. E muito exercício: natação, tênis, marcha, patinagem, dança. Usar saias com roda e não muito curtas, meias de tons claros e luzidios.

■ Para que o andar seja harmonioso, é necessário que o pé esteja tratado. Lavado tôdas as manhãs, poderá ser metido, tôdas as noites, numa solução de água e sal. Fazer massagem aos dedos, puxando-os para cima e para baixo. Depois polvilhar abundantemente com talco. Se houver calosidade na planta do pé, deve atribuir-se à má construção do sapato. Passar pedra pomes todos os dias, depois do banho, até que desapareça.

■ Fazer ensaios em frente do espelho quanto à maneira de andar, sentar, cruzar a perna. Conservar os pés unidos. Usar meias finas.

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18



A chamada «linha de guerra» domina em todos os figurinos. Et-la com a sua elegância simples

"CARMONA"

de Leopoldo Nunes

O homem reagindo perante os acontecimentos — tal é a finalidade da biografia. Muitas vezes se pretende que ela seja, simplesmente, um enunciado cronológico de factos da vida do indivíduo. Quanto a nós, chamámo-lhe-emos, melhor — calendário.

As épocas influem ou são influenciadas por determinadas figuras, ou, ainda, uma coisa e outra simultaneamente. Essas não são, porém, as que nos acompanham dia a dia, nas quais os anos ou o século só lhes deixam a marca da civilização que tantas vezes não alcançam nem compreendem. São, antes, aquelas cujo espírito e cujo carácter se projectam na vida de um povo. E, então, dominadas umas vezes pela evolução natural e histórica, dominando-a outras tantas, elas só podem definir-se, no complexo conjunto moral e social, quando se apreciam perante a História — o passado, o presente e o futuro. Mas isso não basta ainda para o verdadeiro estudo biográfico. Para além do homem público, há o homem em si, isolado, só pessoa humana que sente, ama e sofre. Eis a enorme tarefa do biógrafo.

«Carmona», de Leopoldo Nunes, é, quanto a nós, uma biografia tal qual a definimos. O autor, jornalista e escritor brilhante, integrado no espírito deste século, não fez um «calendário», um enunciado cronológico dos acontecimentos dominantes da vida do ilustre Chefe da nação portuguesa.

Analisou o Homem e colocou-o na sua época. Nas trezentas e tantas páginas da primorosa edição, Leopoldo Nunes lança-se na árdua tarefa de nos apresentar o panorama nacional



desde 1850 até os nossos dias, revelando-nos o investigador cuidadoso e consciante. E, através desses anos, coloca, nos momentos próprios, a figura do sr. general Carmona, relacionando-a com os factos da vida nacional desde aqueles de que foi mero espectador até os que ele dominou com as suas altas virtudes de cidadão, a sua inteligência esclarecida e a sua ponderação de homem de Estado.

A capa, do jovem artista J. Espinho, é felicíssima.

Extremos



A corveta canadiana «Morden» salvou no Atlântico

vários náufragos, homens, mulheres e crianças de um navio torpedeado.

Destes náufragos, o mais novo tinha 7 meses e o mais velho 83 anos. No final da guerra, hão-de talvez encontrar-se, extremos da vide, que hão-de ver a vitória, saudando-a com alegria.

A BATALHA DO DON

por CARLOS FERRÃO

PODE dizer-se que a primeira fase da campanha de Inverno na Rússia se realizou com a contra-ofensiva desencadeada pelas tropas soviéticas no curso médio do Don, a partir de Voronej. Depois dos acontecimentos que se registaram no Cáucaso, onde a cidade de Ordzhonikidji, rijamente disputada por alemães e russos, acabou por ficar na posse destes últimos barrando assim a caminho dos terrenos petrolíferos de Baku, houve a contra-ofensiva de envergadura desencadeada no sector de Rjev e a batalha para desafrentar a cidade de Estalinegrado, em cujas ruas se não têm assinalado ultimamente combates de importância.

De todas estas operações a contra-ofensiva no sector médio do Don é, pelo local e pela importância dos meios materiais postos em acção, a que se reveste de maior significação. O seu objectivo fundamental consiste, segundo todas as probabilidades, em caminhar no sentido de Rostov procurando separar em dois grupos os exércitos alemães. Realizar-se-ia, assim, uma tentativa idêntica à que o alto comando da Whermacht procurou levar a cabo durante o verão e o outono deste ano e que se malogrou devido à resis-

tência obstinada dos defensores de Estalinegrado.

Para os dois adversários é, porém, a campanha do inverno que constitui o principal motivo de preocupação. A primeira rectificação da linha alemã no sector do Don anunciada no comunicado do dia 21 de Dezembro, bem como aquela a que se procedeu no sector de Rjev, constituem, certamente, a fase inicial duma operação prevista, mas cujas últimas conseqüências é difícil prever.

Até este momento os comunicados de origem soviética têm referido, principalmente, a apreensão de grandes quantidades de material e a captura de numerosos prisioneiros. Na campanha de inverno de 1941-42 eram, sobretudo, os pontos territoriais que pareciam preocupar o comando russo. É certo que, em 1942, o progresso territorial dos alemães foi de muito menores proporções do que aquele que se registara no decurso do ano anterior. Isso talvez constitua uma justificação para o que agora se está passando. Não é tanto de vastas superfícies territoriais que se trata agora, mas do potencial de guerra dos dois adversários, o qual não pode sofrer um desgaste indefinido.

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276

MAIS ALTO...

SO

OVOCHOCOLATE MITZI

Alimento reparador, estimulante, vitaminado e saborosíssimo, indicado aos Senhores Aviadores e a todas as pessoas que não tenham horas certas para comer.

ROSÁRIO DE AMARGURAS

NOVELA

DE GUEDES DE AMORIM

FITOU demoradamente os olhos da mãe e, por fim, torcendo as mãos, disse: — Fui um doido, um doido, mas nunca me esqueci da senhora... Andei por longe, corri cidades, cantei e gargalhei, mas nunca me esqueci do seu rosto, das suas ternas palavras, das suas mãos carinhosas...

Parou, vergou a cabeça por um instante, e, voltando a fitar os olhos queridos, continuou:

— Eu nunca deixei de ser o seu António, o seu Antoninho, como tantas, tantas vezes me chamou. Talvez eu seja culpado, talvez eu não mereça sequer o seu perdão, por ter andado tantos, tantos anos por longes terras, mas a vida também me perseguiu muito. A vida é má, a vida é muito má, querida mãe!

Olhou à sua volta, os móveis tristes, cobertos de pó, e sentiu um silêncio frio, teimoso, a trespassar-lhe o corpo e a alma.

— Que pena, mãezinha! O fogão está apagado. A neve que cai lá fora trespassa as paredes num bafo de arripiar e faz-me doer os ossos. Não a sente? A mãe, não a sente? Sim, a mãezinha foi sempre muito resignada. Lembra-me bem da sua coragem, quando o paiinho morreu. Eu voltava, nessa tarde, da escola, e a Belmira, a criada, disse-me que não devia entrar na sala grande. Entrei, a-pesar-de tudo. Encontrei-a lá, à beira do cadáver do paiinho, ajoelhada, o rosto molhado de lágrimas, olhando o crucifixo que estava em frente. Depois, quando o levaram para o cemitério, a mãe deixou de chorar... Julguei eu que tivesse deixado de chorar. Enganei-me, porém. Quantas vezes, entrando inesperadamente no seu quarto, a não fui encontrar, debruçada sobre a cama, a soluçar e a chorar!? Quantas vezes! Então, eu sentia muito, muito frio, como se me dissessem que a morte rondava a nossa casa. Ah! Hoje, parece-me, porém, que está ainda mais frio. Eu sinto-o tanto, tanto! Falta-me já o sangue quente da mocidade. Estou velho. Tenho quarenta anos! Quarenta anos já, mãezinha! O seu menino — o seu «menino das sete quintas», como tantas ocasiões me chamou — está um velho, com o coração destroçado. Faz tanto frio! Sim, estamos em Janeiro. O ano acaba de nascer. Mau ano, mau ano...

As lágrimas continuaram a correr pelo rosto cadavérico de António Silveiras.

— Mas, eu vim hoje aqui para a ver, mãezinha. Vim a pé, dias a dias a pé, à chuva e ao vento, sem descansar, só para a ver... Repare nos meus sapatos: já quasi não têm solas e cobre-os o lódo dos caminhos. Estou contente, porém. Vinte anos sem a ver era muito. Era muito! Não podia mais. Vinte anos, lá por esse mundo, a trabalhar, amar e sofrer, era uma grande ausência. — E, num grito medonho, que atravessou a sala, continuou: — Cheguei tarde, bem sei que cheguei tarde!...

Levantou-se, deu alguns passos meio tonto e limpou as lágrimas às costas da mão. Tremia. Tinha os pés encharcados e doridos, mas não os sentia; a fome mordida-lhe violentamente no estômago, mas ele não a sentia, também. Havia, ali, tantas, tantas coisas, que lhe falavam da sua infância, que lhe falavam dum tempo bonito, distante e já morto!

Atirou-se de novo para a cadeira, e, com olhos presos aos olhos da mãe, con-

tinuu a lastimar-se, a desculpar-se:

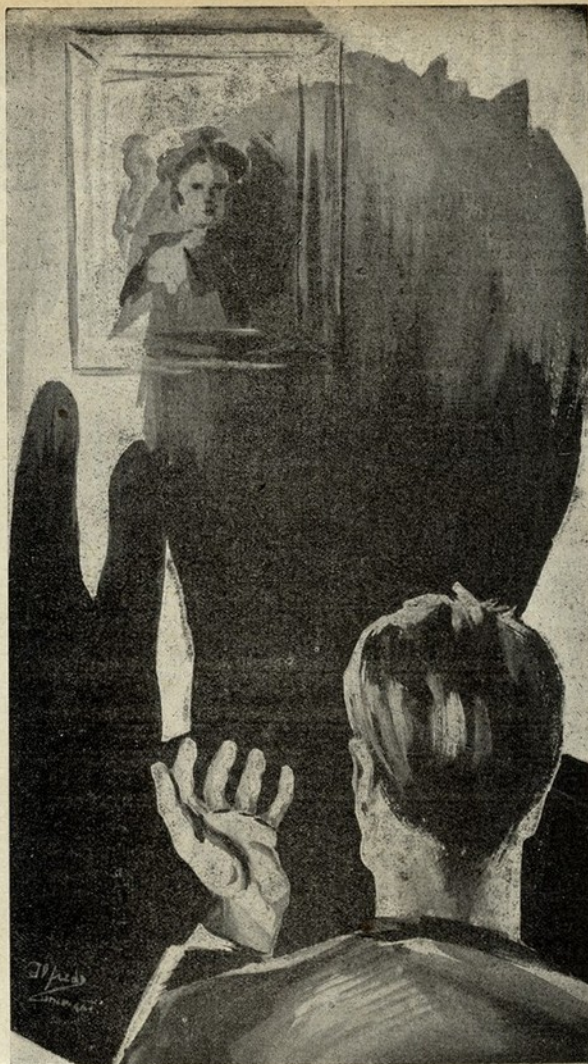
— Foram, primeiro, os amigos — os amigos e camaradas... — que me desiludiram. No dia em que, após uma das minhas exposições, crítica, público, o país e até o estrangeiro me consagravam como pintor célebre, começaram a morder-me. O termo é feio, não é verdade, mãezinha? Mas eu sofri tanto, tanto, que já não posso dizer outra coisa. Depois, veio a doença da Laurita... Era tão linda a minha mulherzinha! Adoeceu. Eu supus que era apenas uma breve traição do destino, mas ela, com o fino instinto dos doentes que adivinham a sua sorte, sabia bem o que iria passar-se... Para a salvar, vendi tudo. Empenhei-me. Pedi dinheiro por conta dos meus futuros quadros — mas ninguém mo emprestou; corri a casa dos meus amigos, dos meus camaradas — mas nenhum estava em casa... A Laurita — o meu amor! — adoeceu mais. Era o fim! No último dia falámos muito da senhora. Ela, antes de fechar os olhos deu-me uma coisa para si...

Calou-se, ferido de tristeza. Depois:

— Mas, diga qualquer coisa, mãezinha — pediu numa súplica que lhe vinha da alma, o pobre António Silveiras. — Diga qualquer coisa...

Olhou o mãe bem nos olhos e, por fim, levantou-se. Estava exausto, de corpo e alma. Pegou no retrato da mãe, para o qual estivera falando todo esse tempo, e beijou-o. Esse beijo era aquele que a Laurita, a sua esposa, lhe dera, para que ele o desse a sua mãe, como saúde e arrependimento de nunca a ter conhecido.

Meteu o retrato da mãe entre o colete



Eu vim hoje aqui para a ver, mãezinha

e o casaco, bem de encontro ao peito. Nada mais tinha ali a fazer, na casa deserta, na casa fechada, após a morte da mãe, havia cinco anos. Olhou ainda uma vez, à sua volta, numa amargurada despedida, objectos, móveis, relíquias dum passado extinto...

...E, ao chegar cá fora, batido pelo ar gelado dessa madrugada do primeiro do ano, estremeceu e serenou. O seu pensamento manteve-se, porém. O expresso pará a cidade, onde chegará quando fôsse já manhã, não tardaria a passar... Beijou e retrato da mãe e apertou-o de novo bem de encontro ao peito. Era o fim, o fim da sua vida. Lá baixo, o destino escreveria a última página da sua existência sem alegria, sem amor, sem felicidade.

Quere ganhar dinheiro?
Anuncie no MUNDO GRÁFICO

OS COMUNS REÜNEM SEMPRE

(Continuação da pág. 2)

vêrno de então dos poderes que poderiam vir a ser necessários para fazer face a todas as eventualidades.

Uma tão rápida actividade legislativa mostrou que o sistema parlamentar era susceptível de resoluções instantâneas. Mas, se o Governô podia deliberar por decretos, que faria o Parlamento nas suas reuniões? Logo que se formou o actual Governô de coligação, êle transformou-se numa espécie de Conselho de Estado sem, todavia, note-se bem, terem sido introduzidas quaisquer modificações no seu regulamento, nem abolido nenhum dos seus direitos.

Um facto notável depois do começo da guerra foi o acréscimo do número das comissões parlamentares que estão em contacto com os ministros e os auxiliam a resolver os seus problemas. Algumas dessas comissões têm um estatuto oficial, como aquela que verifica, artigo por artigo, o total das colossais despesas de guerra diárias da Gran-Bretanha e emite regularmente o seu parecer sobre elas. As que são apenas officiosas occupam-se de problemas agrícolas, comerciais, de questões de hygiene, dos progressos scientificos, da guarda cívica, dos problemas femininos durante a guerra, das pensões, dos interesses dos soldados e de muitos outros assuntos. Outras, ainda, têm por objectivo estabelecer os planos de após-guerra e fortalecer as relações entre a Inglaterra e as Potências suas aliadas.

Assinalamos, também, as sessões do Parlamento em que todos os ministros, a começar por Churchill, em pessoa, são convidados a responder pelos seus actos. Mesmo em tempo de guerra, os membros do Parlamento têm sempre o direito de dar a conhecer a todo o cidadão britânico as acções dos ministros do Estado.

TEATRO AO AR LIVRE

(Continuação da pág. 22)

quéciveis, e pena é que não tenham sido mais frequentes.

Figurações numerosas, trajos de estilo rigoroso, e o local da acção, inteligentemente escolhido, constituem elementos indispensáveis para essas teatralizações que, por vezes, assumem um carácter monumental.

Eis o que succedeu recentemente, em Londres, com uma peça sobre a vida de Nelson, que teve por cenário maravilhoso as escadas da catedral de S. Paulo. Nada mais simbólico nesta hora, que resuscitar essa figura, não num tablado, o que seria talvez vulgar, mas numa moldura histórica — a pedra do templo admirável, que, mesmo batida

pelo fogo, é invencível como a própria alma.

A voz do artista como que teve mais ressonância, foi mais profunda, encontrando os acentos heróicos da figura real que, depois da morte, continuou comandando a batalha famosa. Por muito grande que seja um artista, há-de, necessariamente, sentir-se transfigurado, mero elemento subordinado à encarnação, que o dirige e o submete, como o vento empolga a chama para a tornar maior, mais violenta. Foi o que succedeu a Leslie Howard, na escadaria da catedral de São Paulo, quando viu que como actor, êle já não existia, porque outro se fundira na sua carne e na sua alma — o grande marinheiro, cego, sem um braço, crivado de cicatrizes, glorioso de cem batalhas, que surgia nos umbrais do século, despojando-se da sua glória para que a sua pátria fôsse ainda maior.

1 9 4 3

(Continuação da pág. 8)

gia e uma que estão decisão acima de todos os elogios. E, de entre todos, pode afirmar-se, sem receio de contestação, que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha tem sido o animador inteligente e cauteloso, decidido e enérgico, que soube realizar a coligação gigantesca que prepara a vitória e soube depois, tarefa incomparavelmente mais valiosa, criar as condições para que essa coligação funcione com perfeita regularidade e eficiência. O seu génio soube esperar e prever. A sua capacidade de realização soube organizar e dirigir. E' êsse o mérito impercível que fez dêle não apenas uma das maiores figuras da história do seu país, mas uma das maiores e mais representativas figuras da história da humanidade.

ORQUESTRAS

TÍPICAS

As curiosas fotografias que acompanham o artigo com êste titulo que, neste número publicamos, foram realizadas com os concertistas da orquestra Flores, que se puzeram, gentilmente, à disposição do «Mundo Gráfico».

Queréis ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO

«MUNDO GRÁFICO»

A melhor revista gráfica portuguesa

A Frente Interna na U. S. A.

NESTE ano muitas coisas se fizeram, alistando e equipando, treinando e transportando um exército; produzindo um enorme volume de armas, materias provisões para as nossas forças de guerra e para a nossa economia civil, de forma a permitir o seu funcionamento com o máximo de eficiência.

As nossas tarefas foram vertiginosamente levadas a cabo. Tornava-se necessário satisfazer as exigências de todos os dias e ainda criar a organização e as officinas para as exigências cada vez maiores do ano próximo.

Sob êste ponto de vista, as realizações do ano agora terminado foram consideráveis. Se fizemos as contas do que produzimos em relação às metas marcadas pelo Presidente Roosevelt em Janeiro passado, vemos que produzimos imenso, embora haja muito ainda que fazer.

No ano de 1942 construímos aproximadamente 49 mil aeroplanos; 32 mil tanks e artilharia mecanizada; 17 mil peças anti-aéreas de calibre superior a vinte milímetros; oito milhões e duzentas mil toneladas de navios mercantes, alcançando-se, assim, o limite previamente designado.

Quanto a aviões verifica-se que, em proporção, há maior quantidade de aviões e de bombardeiros pesados do que de outras esqécies. Além de tanks e artilharia mecanizada muitos milhares de carros de reconhecimento e outros veículos motorizados tem sido fabricados.

Acima de tudo o valôr total da produção de guerra alcançou um nível tremendo. Em 1942, gastámos 47 biliões de dólares em munições o que substancialmente excede muito o cálculo mais optimista de há um ano sobre as nossas possibilidades de produção.

No próximo ano o nosso programa exige um tão grande aumento de produção de munições que teremos ainda de produzir mais dois terços do que produzimos em 1942. Estamos perto de atingir o limite dos nossos recursos quanto ao poder de transporte de materiais.

Há um ano, sete milhões de pessoas estavam empregadas em trabalho de guerra. Agora, êste número subiu para 17 milhões e meio. Em 1943 precisamos pelo menos de juntar a êste número 5 milhões para atender as nossas forças combatentes. E, no fim do próximo ano, toda a nossa população trabalhadora, aproximadamente, estará empregada em trabalhos de guerra ou em trabalhos civis ligados à guerra.

A América, nas indústrias de transportes, mobilizou o maior volume de tráfego da sua história.

A produção de alimentos e de fibras atingiu o mais alto «record» em 1942. A produção de alimentos foi 12% mais alta do que em 1941 e 40%

mais alta do que no ano de 1918. Grande parte dêste aumento foi em proteínas e gorduras indispensáveis em tempo de guerra — carne, leite, ovos, soja.

As dúvidas e hesitações que impediram a conversão da indústria foram eliminadas logo no começo do ano e a conversão foi realizada em muito menos tempo do que era de supôr. Os trabalhadores voluntariamente desistiram do direito à greve e os dirigentes operários cumpriram lealmente os seus acordos. Os comités dirigentes do trabalho em cerca de 1.900 fábricas deram-nos bases seguras para cooperar efectivamente e para a participação do trabalho no plano da produção.

A adaptação da nossa economia civil exigiu um grande esforço. Em 15 de Março de 1942 o custo de vida tinha subido cerca de 15% sobre o fim do ano de 1939. Mas a regularização dos preços estabelecidos em Abril reduziu os aumentos dos preços sujeitos a fiscalização de 1% em relação a 15 de Outubro. A estabilidade dos salários, um dos grandes acontecimentos do ano, alcançou uma solução de equilíbrio.

A campanha da frente interna tem também sido conduzida em outros sectores. Somas sem precedentes têm sido obtidas na cobrança de taxas e impostos. Nos primeiros dez meses de 1942 mais de 13 biliões de dólares foram recebidos de taxas e mais de 33 biliões foram alcançados pela venda de títulos e outras obrigações do Governô. Foram tomadas medidas desenvolvendo os serviços de saúde e protecção sanitária. Mais casas são ainda necessárias para os trabalhadores de guerra; a organização de 10 milhões de voluntários para a defesa civil foi realizada; a organização da vigilância constante das nossas costas, de armazéns e estabelecimentos contra espies e sabotadores, exigiu as maiores atenções.

Novos organismos foram criados para a organização da mão de obra, estabilização económica, organização de trabalho, solução das questões de trabalho e salários, controle de preços, guerra económica, informação de guerra e outros assuntos. A rede das várias direcções e organismos, conduziu à fusão efectiva dos nossos recursos com os das outras Nações Unidas.

O nosso país já realizou uma grande obra neste primeiro ano. Se as condições fôsem normais nós teríamos o direito de sentir um certo grau de satisfação. O próximo ano exige ainda maiores tarefas e há-de enfrentar-nos com iguais sendo maiores obstáculos. A lembrança do passado deve dar-nos uma grande segurança. Nada poderá convencer-nos de que o trabalho que nos espera não será ou não poderá ser feito.

SPENSER



COMO, aliás, tem sucedido a muitos outros notáveis poetas, Edmund Spenser lutou, foi verberado, menosprezado, recebeu injustas críticas, e acabou por morrer elogiado e pobríssimo.

E, tão pobre que, quasi ao fim da vida, quando o seu estado de saúde, precário, e de necessidade material, inspirava a algumas almas bondosas sentimentos de humanidade, um seu admirador mandou-lhe algumas moedas de ouro.

E' conhecida a frase que, com a devolução do dinheiro oferecido, Spenser escreveu ao benemérito num gesto de nobreza e de isenção que marcou bem o seu carácter.

A crítica de então aceitou e divulgou o conceito que Taine havia formulado sobre o poeta

— «de que este fôra o mais parecido com Homero entre os modernos, pelas suas imagens, simpleza, claridade de ideias e nobreza de pensamentos».

As redundâncias e as ingenuidades que, por vezes, se notam na sua obra, são obliteradas pela magnificência dos temas, nos quais pôs sempre uma natural disciplina.

E o referido crítico proclamou que Spenser fôra «poeta por excelência criador e sonhador do modo mais elevado e intuitivo».

Não raros dos seus biógrafos descobrem amiúde na sua obra a inspiração de Ariosto e afirmam que a obra do poeta inglês só lhe falta o humorismo sorridente do autor de «Orlando», para que a semelhança entre os dois autores seja completa.

Parece-nos, contudo, arriscamos nós, que os poetas se inspiram uns nos outros, quando não se imitam a si próprios. Cremos até que os vislumbrados sonhos que há séculos perturbam as almas dos que têm por sector esboçar fantasias, continuarão, porventura, a irrealizar aquilo a que os práticos e os dedutivos chamam prosaismos.

O crítico inglês Sewell escreveu «que Spenser inspirou mais poetas de que todos os outros autores do seu país».

No entanto, o grande poeta foi várias vezes acusado de ter usado e abusado em algumas das suas produções de excessivo verbalismo e exuberância de tropos.

Todavia, outros dos seus biógrafos, cuidadosos e pacientes perscrutadores da sua obra, afirmam que a serenidade e a harmonia do estilo do poeta isabelino, o colocam entre os primeiros do seu tempo.

Mais tarde, no alvorecer do romantismo, entre outros, Byron e Schelley rehabilitaram o génio poético de Spenser, tantas vezes desdenhado por certo acanhado espírito do século XVIII.

Edmund Spenser nasceu em Londres, e, na sua cidade natal morreu aos 47 anos. O seu corpo repousa na abadia de Westminster.

A última edição das suas obras completas, publicada, cremos, em 1911, inclui em dez volumes todas as suas produções.

A. R.

GRAVURAS EM MADEIRA

(Continuação da pag. 15)

sob a imperiosidade prosaica da necessidade de viver. Decorreram anos. Surgiram os problemas que se deparam a todo o homem que tem que lutar pelo pão de cada dia. O pequeno artista da pequenina povoação rural quasi tinha morrido, como mortos estavam já os seus mal esboçados bonecos de ardósia.

Mas um dia Manuel Cabanas — que, convém já informar, nunca cursou qualquer escola de artes, o que ainda mais o valorisa — lembrou-se de encadernar os seus livros e lembrou-se ainda de ornamentar as capas com relevos. Como não possuía ferros para isso, pensou fazer moldes de madeira. E, assim, por uma simples casualidade, aticou-se-lhe o fogo da arte que chamajera debilmente e pela primeira vez na sua infância. Já antes, também em menino, tivera por várias vezes tentações de pintar. Mas a vida, com as suas exigências, raramente permite que alguém se dê ao prazer de cultivar uma arte do espirito, a não ser que para tal possua recursos que o isentem das preocupações materiais de cada dia. Nada disso se dava com ele.

Dos moldes para a encadernação nasceu-lhe o gosto pela xilografia. Munido de um canivete e de um pequeno formão, pois não consegue, como êle diz, ageitar-se com o buril, começou a abrir a madeira rija do buxo e a gravar nela desenhos da sua autoria ou reproduções de obras de arte, tendo a preocupação de con-



servar nos seus trabalhos o gosto da gravura antiga. O pintor Américo Marinho tem-no estimulado e Manuel Cabanas, que se dedica a essa arte há cinco anos, creou uma técnica própria, individual e portanto inconfundível.

Nas suas gravuras não se perde um pormenor. A delicadeza do traço e a segurança da mão são notáveis. A reprodução dos tripticos de Nuno Gonçalves de que damos cópia do painel central, é indiscutivelmente um trabalho maravilhoso — um trabalho de verdadeiro artista. E isto é Manuel Cabanas, artista do povo, artista que nunca foi aluno, mas que se nos revela mestre de arte.

E ao apresentarmos este novo cultor da arte da xilografia não queremos esquecer António Lopes que nos seus vagares de professor e de hermitista, cultivava também a delicada arte da gravura em madeira.

JOSÉ BARÃO

Companhia Nacional de Navegação

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete

LOURENÇO MARQUES

a sair nos primeiros dias de Janeiro, recebendo carga e passageiros para Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, e Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação

Para esclarecimentos e informações:

EM LISBOA: — Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021 a 23026
NO PORTO: — Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434

Seja prático e económico

Viage na C. P.

Informações — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

Hora de Lisboa

10,45 — Noticiário

24,92 m. (12,0½ mc/s)

19,76 m. (15,18 mc/s)

13,86 m. (21,6½ mc/s)

12,15 — Noticiário
e Actualidades

24,92 m. (12,0½ mc/s)

19,76 m. (15,18 mc/s)

13,86 m. (21,6½ mc/s)

21,00 — Noticiário
e Actualidades

41,75 m. (7,18 mc/s)

42,11 m. (7,13 mc/s)

31,75 m. (9,45 mc/s)

30,96 m. (9,69 mc/s)

261,1 m. (1,149 kc/s)

1.500,00 m. (200 kc/s)

MUNDO GRÁFICO



A Polónia
heróica e invencível
ressuscita
na bravura
dos seus pilotos
que combatem
ao lado
dos seus camaradas
ingleses